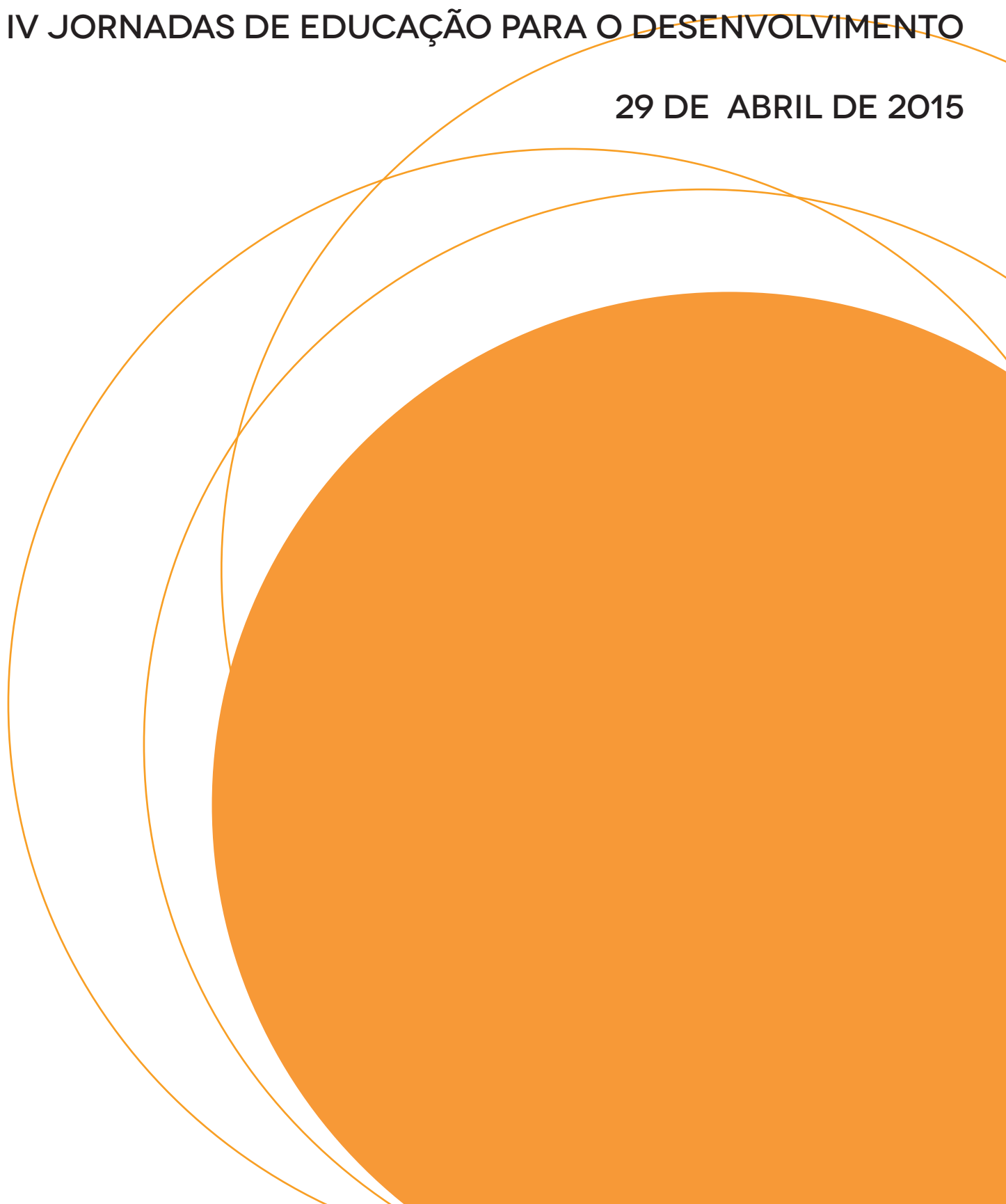
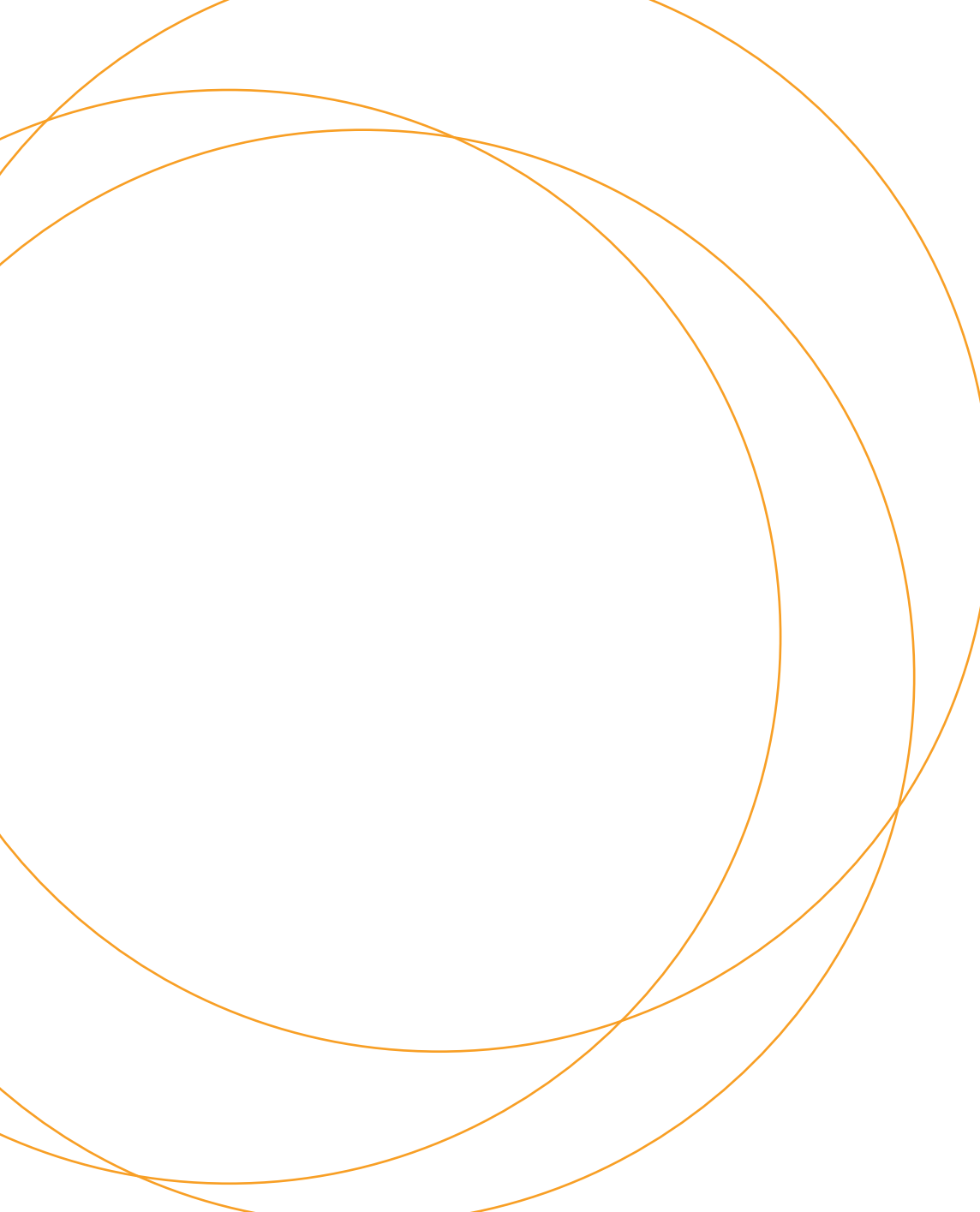


A AVALIAÇÃO NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO

RELATÓRIO
IV JORNADAS DE EDUCAÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO

29 DE ABRIL DE 2015

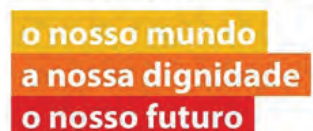




Comissão Organizadora



com o Apoio



Introdução

IV Jornadas de ED

As IV Jornadas de Educação para o Desenvolvimento, sob o tema “A Avaliação no contexto da Educação para o Desenvolvimento”, tiveram lugar no dia 29 de abril de 2015, na Sala A da Fundação Cidade de Lisboa e congregaram 58 participantes em representação de entidades do Estado e da sociedade civil, incluindo a maior parte dos membros do chamado grupo das entidades subscritoras do Plano de Ação da Estratégia Nacional de Educação para o Desenvolvimento (ENED) e vários outros atores da ED em Portugal.

Este documento pretende dar a conhecer e relembrar (para os que nelas participaram) o que foram as Jornadas, a partir da reunião das apresentações feitas e dos resultados obtidos, quer nos trabalhos de grupo, como em geral, assim como das avaliações recebidas de uma parte significativa dos e das participantes.

O relatório abre com o enquadramento da iniciativa, colocando-a no contexto da Estratégia Nacional de Educação para o Desenvolvimento. Segue-se o programa e, por ordem cronológica, as várias intervenções, que ocuparam a parte da manhã e o início da tarde e, posteriormente, consubstanciaram a sessão de encerramento das Jornadas. Apresenta-se depois as recomendações surgidas nos trabalhos de grupo e a síntese das avaliações recolhidas. Como Anexos, seguem o convite, a ficha de avaliação, a lista de participantes, algumas notícias publicadas e uma seleção de fotos.

Aproveitamos a ocasião para agradecer a todas as pessoas e entidades que participaram ativamente nas Jornadas, oferecendo o seu contributo e abrindo-se ao acolhimento dos contributos de outros, assim enriquecendo e desafiando as suas próprias perspetivas. Um especial obrigado aos/às convidados/as internacionais, aos/às moderadores/as e aos/às facilitadores/as que dinamizaram os grupos de trabalho.

Enquadramento

As IV Jornadas no âmbito da ENED

As Jornadas de Educação para o Desenvolvimento (ED) são consideradas no Plano de Ação da Estratégia Nacional de Educação para o Desenvolvimento (ENED) como uma “*atividade de dinamização*” da concretização da própria Estratégia, assumindo neste quadro um carácter “*estruturante e transversal*”.

Esta Estratégia, aprovada pelo despacho nº 25931/2009 do Secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros e Cooperação e do Secretário de Estado Adjunto e da Educação, publicada em Diário da República, a 26 de Novembro de 2009, constituiu o culminar de um processo, que teve início em maio de 2008, e que envolveu diversas instituições públicas e organizações da sociedade civil relevantes neste domínio.

Dando continuidade a esse processo participativo, **as Jornadas de ED visam, no quadro do seu carácter estruturante e transversal, o aprofundamento de questões concetuais, temáticas ou metodológicas**, juntando diferentes tipos de entidades em contextos que procuram favorecer a troca de experiências e o aprofundamento da reflexão, reconhecendo e consolidando os caminhos percorridos e abrindo perspectivas para ações futuras.

As **I Jornadas** (novembro de 2010) foram dedicadas à temática da “*influência política*” (lóbi, *advocacy*) e reuniram sobretudo ONGD. As **II Jornadas** (janeiro de 2012) foram dedicadas à “*ED nas escolas*” e congregaram 134 professores/as e outros atores de ED no âmbito do ensino formal. As **III Jornadas** (Maio de 2013) foram dedicadas à “*Educação para o Desenvolvimento e outras 'Educações para...'*” e contaram com a presença de 49 participantes em representação de entidades do Estado e da Sociedade Civil. Todas elas beneficiaram também da participação de peritos externos.

Tema das IV Jornadas: “A avaliação no contexto da Educação para o Desenvolvimento”

A Avaliação é uma componente essencial do trabalho de qualquer organização. Permite perceber a eficácia desse trabalho, identificar e corrigir falhas e potenciar aspectos positivos e mais-valias. No entanto, são vários os obstáculos à implementação de metodologias de avaliação que funcionem como processos de aprendizagem e contribuam para melhorar competências, principalmente se pretendermos abordar a Avaliação de Impacto, que vai muito para além de uma apreciação meramente quantitativa de resultados obtidos. Reflectir sobre a importância da Avaliação, as suas potencialidades, os seus limites e os constrangimentos com que nos deparamos na sua implementação é sem dúvida uma necessidade, especialmente, enquadrando essa reflexão no contexto da Educação para o Desenvolvimento.

A actual Estratégia Nacional de Educação para o Desenvolvimento termina o seu período de execução no final de 2015. Prevê-se que a sua avaliação seja iniciada durante o 2º Semestre deste ano.

Objetivos

No âmbito do Objetivo 1 da ENED – *Promover a capacitação das entidades públicas e das organizações da sociedade civil relevantes enquanto atores de ED e criar dinâmicas e mecanismos de diálogo e de cooperação institucional* – pretende-se com as IV Jornadas de ED:

- Reconhecer e compreender a avaliação das intervenções em ED como processo de aprendizagem;
- Debater as potencialidades, os limites e as condições necessárias para a realização de avaliações de impacto no contexto da ED;
- Contribuir para a integração de uma cultura de Avaliação nos processos de trabalho das organizações
- Contribuir para o processo de avaliação externa da Estratégia Nacional de Educação para o Desenvolvimento (ENED)

Públicos

Dada a natureza do tema escolhido e dos objetivos propostos, estas Jornadas terão como públicos prioritários as organizações que subscreveram o Plano de Acção da ENED e que nele têm integrado acções, projectos e processos desenvolvidos ao longo dos últimos 4 anos.

Comissão Organizadora:

Agência Portuguesa do Ambiente (APA)

CIDAC – Centro de Intervenção para o Desenvolvimento Amílcar Cabral

Comissão para a Cidadania e Igualdade de Género (CIG)

Plataforma Portuguesa das ONGD – Grupo de Trabalho de Educação para o Desenvolvimento

Com o apoio:

Camões – Instituto da Cooperação e da Língua, I.P.

Direcção Geral de Educação

Programa

MANHÃ

9:00 - Recepção dos Participante

9:30 - SESSÃO DE ABERTURA:

- Nuno Lacasta, Presidente do Conselho Diretivo da Agência Portuguesa de Ambiente
- Susana Damasceno, Plataforma Portuguesa das ONGD

9h45 - SESSÃO 1 - A Avaliação em ED como processo de aprendizagem

- Jan van Ongevalle (HIVA-KULeuven) Research Institute for Work and Society
 - Arnfinn Nygaard (GENE – Global Education Network Europe)
- Moderador – António Torres (Camões IP)
- Debate

11h - PAUSA JUSTA (15m)

11h: 15 - SESSÃO 2 - A avaliação na prática: Apresentação e reflexão sobre experiências concretas no quadro de processos, projectos e acções (45m)

- Ana Santos - Desafiar a crise
 - Margarida Fernandes - Conectando Mundos
 - Margarida Gomes - Eco-Escolas
- Moderadora – La Salete Coelho (ESE-IPVC)
- Debate

12h45 – 14h30: ALMOÇO (livre)

TARDE

14h30 - SESSÃO 3 - A Avaliação de Impacto no contexto da ED

- Adélie Miguel Sierra (Universidade de Liege)
- João Guerra (Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa)

Moderadora - Teresa Alvarez (CIG)

Debate

16h - PAUSA JUSTA

16h 10 - SESSÃO 4 – GRUPOS DE TRABALHO - com base nas reflexões das 3 Sessões (da manhã e da tarde) pretende-se reflectir conjuntamente sobre as principais lições aprendidas e construir 3 recomendações para o futuro que permitam responder aos desafios que, a nível nacional, as entidades portuguesas enfrentam no âmbito da avaliação no contexto da ED.

Dinamizadores dos GT:

- Rita Pais/ VIDA
- João Azevedo/ CIDAC
- Vera Pinto/ Fundação Cidade Lisboa
- Cármen Maciel/ Adra

16h55 - Apresentação das recomendações vindas dos grupos

- 4 Apresentações

Moderador – Jorge Cardoso (FGS)

Debate

17h 45 - SESSÃO DE ENCERRAMENTO (20m):

- Pedro Cunha, Subdiretor da Direcção Geral da Educação
- Ana Paula Laborinho, Presidente do Camões, Instituto da Cooperação e da Língua

Intervenções

Sessão de abertura

- **NUNO LACASTA**

PRESIDENTE DO CONSELHO DIRETIVO DA AGÊNCIA PORTUGUESA DE AMBIENTE

Muito bom dia a todas e todos, bem-vindos!¹

Damos início às IV Jornadas de Educação para o Desenvolvimento, que este ano de 2015 decorrerão sobre o importante tema da avaliação

Como é do conhecimento geral, estas Jornadas enquadram-se no contexto mais amplo do Plano de Ação 2010-2015 da ENED – Estratégia Nacional de Educação para o Desenvolvimento, sendo as quartas a organizar-se neste quinquénio, tendo decorrido na Assembleia da República, em Outubro de 2014, o Fórum ED - um indicador da abrangência global que pretende ter o dinamismo gerado pela ENED na sociedade portuguesa.

Esta Estratégia, aprovada e publicada em 2009, constituiu o culminar de um processo com início 2008, que envolveu diversas instituições públicas e organizações da sociedade civil relevantes neste domínio.

As Jornadas anuais temáticas de formação em ED foram concebidas como iniciativa de entidades públicas e da sociedade civil, em paridade. Cada uma das Jornadas tem assentado sobre o aprofundamento de uma questão conceptual, temática ou metodológica.

Este ano de 2015 as Jornadas centrarão a atenção dos presentes na avaliação em ED de processos, projetos e ações, numa simpática coincidência com o facto de 2015 ter também sido declarado um ano internacional dedicado à avaliação.

Este tema é, de facto, de extrema importância, mais ainda quando se trata de aferir a acuidade e o impacto efetivo de programas, projetos e ações de cariz educativo, em concreto na área da educação para o desenvolvimento.

Consideramos ser de referir que encaramos a tarefa da avaliação não como um fim em si mesmo mas como uma ferramenta essencial a qualquer empreendimento e organização, determinante mesmo para se poder evoluir, progredir positivamente em direção a objetivos e metas, permitindo perceber a sua eficiência e eficácia, levando a identificar e corrigir falhas, a potenciar aspetos positivos e mais-valias. Apesar de poder ser uma tarefa morosa e exigente em termos de metodologias próprias, é algo que devemos incorporar no nosso dia-a-dia.

¹ Este texto não corresponde inteiramente à intervenção oral, tendo antes se constituído como um suporte de partida para a mesma.

Referimos, assim, os objetivos traçados para estas Jornadas:

“No âmbito do Objetivo 1 da ENED – Promover a capacitação das entidades públicas e das organizações da sociedade civil relevantes enquanto atores de ED e criar dinâmicas e mecanismos de diálogo e de cooperação institucional – pretende-se com as IV Jornadas de ED:

- 3.1 - Reconhecer e compreender a avaliação das intervenções em ED como processo de aprendizagem;
- 3.2 - Debater as potencialidades, os limites e as condições necessárias para a realização de avaliações de impacto no contexto da ED;
- 3.3 – Contribuir para a integração de uma cultura de Avaliação nos processos de trabalho das organizações;
- 3.4 - Contribuir para o processo de avaliação externa da Estratégia Nacional de Educação para o Desenvolvimento (ENED).”

A educação ambiental e a educação para o desenvolvimento sustentável, nas quais a APA e os organismos que a antecederam têm trabalhado desde há mais de 40 anos, encontram-se entre as múltiplas “educações para...” que mais impacto têm tido na sociedade portuguesa. Se esta afirmação traduz uma perceção mais ou menos generalizada, a verdade é que é necessário aferi-la, medi-la, avaliá-la com mais rigor, tendo em vista uma melhoria. Durante estas IV Jornadas de ED serão também transmitidas experiências concretas sobre esta dimensão da educação para o desenvolvimento, e esperamos que sejam uma mais-valia para o debate que vai decorrer durante o dia.

Pretendemos que os trabalhos destas Jornadas sejam um real contributo para a avaliação, mais ampla, da ENED, que está a finalizar o seu primeiro ciclo. Fazemos também votos de que sejam um contributo para, como referido na nota de enquadramento que receberam, a criação de uma “cultura de avaliação” nos diversos agentes de mudança da nossa sociedade portuguesa.

Neste Ano Europeu para o Desenvolvimento que estamos a celebrar, estamos convencidos que as IV Jornadas de ED, em cuja organização a qual a APA teve a honra de colaborar, serão um impulso positivo para, parafraseando o lema desta comemoração, termos um mundo e um futuro mais dignos para todos!

Agradecemos a todos os que contribuíram, juntamente com a APA, para a organização destas Jornadas, nomeadamente à Plataforma Portuguesa das ONGD – que coordenou os trabalhos -, ao CIDAC e à CIG.

Um agradecimento desde já aos oradores que se disponibilizaram em contribuir com o seu conhecimento e experiência para estas Jornadas, quer portugueses quer de outros países, que com a sua presença tornarão decerto mais rico o debate e mais frutíferas as conclusões que iremos procurar implementar.

Passo a palavra à Susana Damasceno, representante da Plataforma das ONGD, que vos apresentará o Programa que iremos seguir neste dia.

Bom trabalho!

SESSÃO 1

A Avaliação em ED como processo de aprendizagem

- Jan van Ongevalle – KU Leuven

- Arnfinn Nygaard – Global Education Network Europe

Moderador: António Torres, CICL

- **JAN VAN ONGEVALLE**

HIVA – KU LEUVEN - RESEARCH INSTITUTE FOR WORK AND SOCIETY

The slide features a green background. At the top left, there are logos for 'KU LEUVEN' and 'HIVA'. Below the KU Leuven logo is a small cartoon illustration of a person sitting on a chair, holding a stick. To the right of the logos, the text 'Measuring the effects of global education programmes.' is written in a bold, italicized font. Below this, the text 'From results based management towards results base learning' is also in a bold, italicized font. At the bottom left, there is a diagram of a grid with colored dots (black, orange, red, pink, blue, yellow) connected by lines. At the bottom right, the text 'IV Development Education Days – Portugal' is followed by '27 April 2015', the email address 'Jan.VanOngevalle@kuleuven.be', and the website 'www.hiva.be'.

KU LEUVEN **HIVA**

Measuring the effects of global education programmes.

From results based management towards results base learning

IV Development Education Days – Portugal
27 April 2015
Jan.VanOngevalle@kuleuven.be
www.hiva.be

More and more organisations are seeking to strengthen
Monitoring and Evaluation of their global education programmes

- Why?



- Increasing international focus on result based management
- Little known about the effects or the results of global education programmes
- Public support for organisations working around international development and global learning decreases
- Monitoring and evaluation remains a considerable challenge for many organisations

'PULSE' Action research with Belgian NGO's (2010-2013)



Action research with 4 Dutch NGOs in the Netherlands (2013-2014)



- Focus groups
- Survey
- Participative observation



- Elements of Most Significant Change

Report

<http://www.ncdo.nl/more-or-less-global-citizenship>





- Survey
- Elements of Most Significant Change



NOORDBAAK
Duurzaam betrokken

- Repertory Grid Analysis
- Focus groups
- Survey

4-5-2015



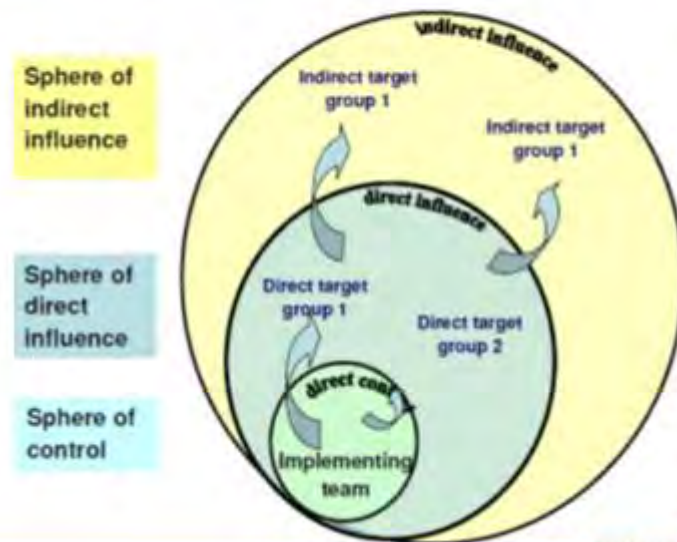

Results Based Management, a concept that hides more than it reveals?



4-5-2015



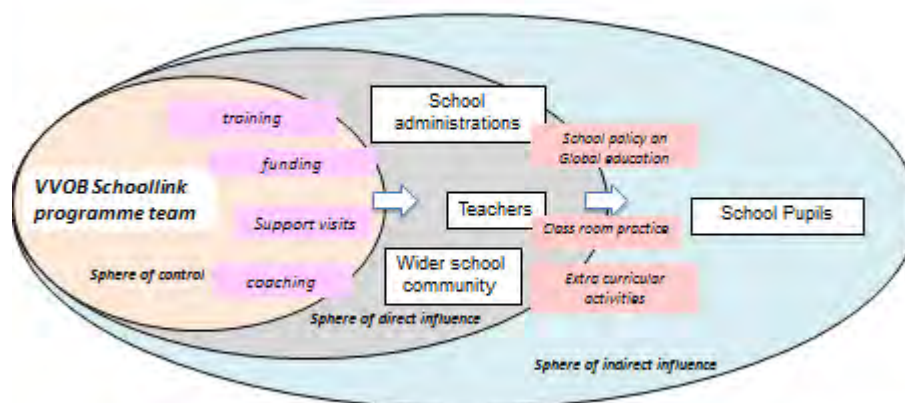

Results at different levels



4-5-2015 •



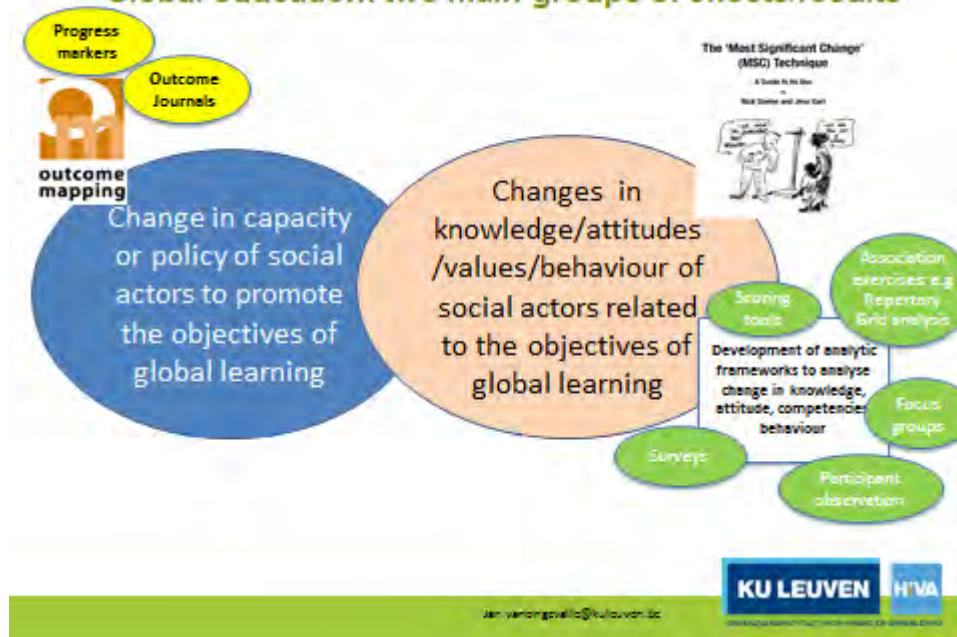
The influence of our activities is often limited; the example of VVOB's school link programme.



Important learning point from previous action research:

- Sometimes limited clarity about the programme's objectives/hoped for effects
- Limited insight about underlying assumptions (why do we do specific activities?)

Global education: two main groups of effects/results



Monitoring progress in the VVOB School link programme



Progress markers:

1. The school management actively supports the school link
2. The teachers are actively engaged in the school link
3. There is internal communication about the school link within the school
4. There is communication about the school link between the partners of the school link.

Progress Marker: The school management actively supports the school link		
1	School management supports the initiative, but is hardly informed about the implementation of the school link.	Low (=1)
2	School management supports the initiative, is informed about it but is only involved in a limited way, (e.g. Management receives reports of meetings pertaining the school link).	Medium Low (=2)
3	School management is actively involved (participates in work meetings and trainings, acts as a communication partners, participates in visits of the sister school,...)	Medium High (=3)
4	School management acts as pacemaker of the school link initiative. (motivates other teachers, stimulates activities, looks for additional funding, involves parents and the school board, ...)	High (=4)

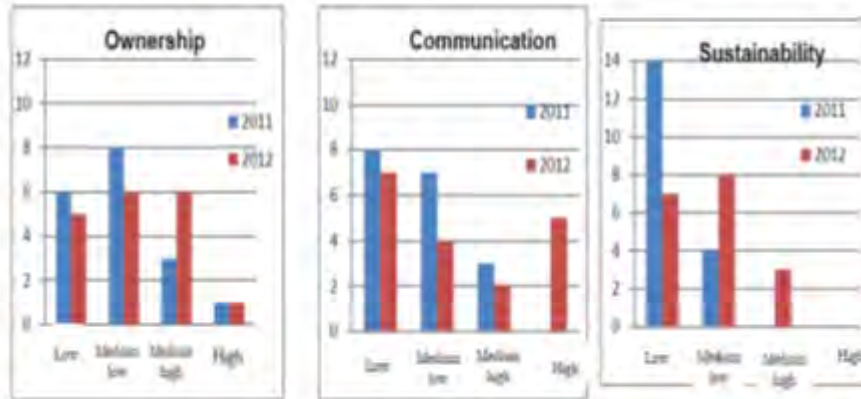
Data collection:

- Personal observations during field visits
- Informal feedback and testimonies from teachers
- School activity reports



Qualitative info can be quantified: VVOB school link programme

Number of schools according to their average scores for three dimensions of their school link



Learning about your results without indicators – *The Most Significant Change Method*

The 'Most Significant Change' (MSC) Technique

A Guide to Its Use

by Rick Davies and Jess Dart



Story collection

1. From your point of view, describe the most significant change that has resulted from your involvement with this programme
2. Why is this significant for you?

Story analysis

1. In group read stories aloud
2. Discuss each story
3. Select the most significant story

Rich learnings about the programme from discussing the stories!!!!!!

Gaining a more nuanced insight about your programme's effects through stories (Humanity House: exhibit on refugees for school pupils)

- Results survey: "I can imagine what it must be like to have to flee to another country"
 - Before the museum visit: 47% Yes
 - After the museum visit: 69% Yes

- What do the numbers mean? – Learning from the stories:

"...Before taking the Journey of Discovery I knew that I would find it difficult to be admitted to a non-EU country. Inside the EU, that's not such a problem. I can imagine that it is not nice to have to move to a country you don't know. The Journey has taught me that I did not realise how bad it really is. Even though I

have never been a refugee. I was truly shocked. That this has happened so often and to so many refugees, I thought. And many of them are intercepted and have to flee all over again...

"...A lot has changed for me since the Journey of Discovery. I used to have a very simplistic view: you flee, you move, you start over again in another country. Now I realise how dreadful it really is. The dark passageway to the room with the wine made me want to turn and run. I also found the photos of mothers being reunited with their children really moving..."

- Not only the positive side of the story: e.g. stories showing that pupils were still having a rather 'black and white' view of refugees.

Implications of dealing with complex change for results based programming

- Limitations of an overly rigid planning logic with SMART indicators and predefined quality criteria:
 - Unexpected effects may be overlooked
 - Difficult to define the indicators in advance
 - Standardized indicators (analytic framework) may not capture intangible effects related to individual intentions and insights.
 - Limited consensus with regard to the objectives and good practices of global education.

Moving from results based management to results based learning implies

- Embracing methodological diversity combining quantitative approaches with more interpretative qualitative approaches. Hence providing space for less tangible personal perceptions of various actors and target groups.
- Putting more effort towards clarifying your theory of change
- Putting more effort in conceptualising dimensions of global learning (knowledge, attitude, behaviour, ...). – this helps to inform and support data collection and analysis and learning about monitoring data.
- Collaborative sensemaking of the monitoring data. Drawing lessons and adapt (if necessary) programme activities.

Jan.vanongevalle@kuleuven.be

4-5-2015 14

KU LEUVEN H'VA
ONDERZOEKSWERKSTUAT VOOR WERK EN SAMENLEVING



THANK YOU

Jan.vanongevalle@kuleuven.be

4-5-2015 14

KU LEUVEN H'VA
ONDERZOEKSWERKSTUAT VOOR WERK EN SAMENLEVING

- **ARNFINN NYGAARD**
GENE – GLOBAL EDUCATION NETWORK EUROPE

My name is Arnfinn Nygaard².

Since 1992 I have been working with Development Education for a national NGO network in Norway, the RORG Network, funded by the Norwegian Aid Agency, Norad. I am also a member of the board of GENE, Global Education Network Europe, in which I have had the pleasure of participating for many years together with inspiring colleagues like Luisa (CIDAC) and Antonio (IPAD/Camoes).

Then just a couple of things:

First: Thanks to the organizers for inviting me to the Development Education Days here in Lisboa to share my experience and views on a topic that I have been struggling with for almost a quarter of a century: Evaluation in DE as a learning experience.

Secondly: Sorry for my voice. The last week a virus found its way to my throat, but I hope my voice will hold through the day and that you will be able to both hear and understand me.

Thirdly: On behalf of GENE I would again like to commend all of you that have taken part in developing the national strategy for DE in Portugal – an incredible achievement to have involved so many actors in developing a very comprehensive and impressive strategy and have the formal approval of ministries and agencies. On behalf of myself and the RORG-network I wish we could have achieved the same in Norway, but we have not, unfortunately. On the other hand, valuable as it might be, I assume that a national strategy doesn't solve all problems and differences.

I have been invited here as representing GENE, who has been working closely with my Portuguese colleagues and other DE actors in Portugal for many years, including with the GENE Peer Review that was launched last year. However, I have not been part of those processes and believe that my key contribution here would be share with you some of my experiences and reflections from evaluations and evaluation processes in Norway and other countries in Europe. I have come to believe that Portugal and Norway have a lot in common when it comes to Development Education, not least when it comes to conceptual understanding. Although we use a different concept, it encompasses both awareness raising and political advocacy, and is based on the Nordic tradition of "folkeopplysning", which could be translated as "popular enlightenment", which like the pedagogy of Paolo Freire emphasizes its role linked to empowerment of the people.

None the less, I would like to start with a key question:

Key question 1: What is it about?

² Este texto não corresponde inteiramente à intervenção oral, tendo antes se constituído como um suporte de partida para a mesma.

The concept "development education" has historically been associated with development aid. Typically DE was about the situation in developing countries and the national and international efforts through aid to help these countries to develop. The aim was to ensure or increase popular support for aid and aid budgets in donor countries. Although this is still a belief among parts of the general public and civil servants of MFAs and agencies in many countries, it is no longer the case. In many countries the actors within DE, as here in Portugal, have done great work in trying to renew the concepts and their content. I believe that the definition used by GENE, as set by the Maastricht congress in 2002, is a beautiful definition:

"Global Education is Education that opens peoples eyes and minds to the realities of the world, and awakens them to bring about a world of greater justice, equity and human rights for all."

However, this definition, along with many other well written definitions, does not really answer the question: what is it about? It could potentially be about anything. In Norway with have for many years tried to narrow that and give some direction by saying that DE should focus on the most important issues, or as Norads guidelines have said: "key and current development issues". When asked what that might be, I usually answer that it is the issues that are or should have been on the international or national development agenda. There is not one answer to this, but many, like:

- climate change
- the shifts in global power balance (moving from the West to the East and South)
- rising inequality
- neoliberal policies, that in recent years have lead to adjustment policies and austerity measures also in European countries (The rooster has come home to roost)
- the rise of ISIL and violent fundamentalism in the Middle East and elsewhere
- the depletion of natural resources

I have also been inspired here by a quote from Paolo Freire, who once said (according to an expert in the field):

"I do not believe in any effort called peace education, if instead of revealing the world of injustice, tends to cloud it and blind its victims."

When we put light on some development issues, other are as a consequence left in the dark. We should be very cautious that the most important development issues are not left in the dark. Traditionally, the DE linked to development aid focused on the good things donor countries did to help the poor countries, but it left in the dark all the bad things donor countries and their big multinational companies did. Today, this is about to be turned around. In Norway now, there is agreement across all political divides in Parliament; the DE should focus increasingly on development issues beyond aid and issues related to policy coherence for development.

I think this is very important and reflects the very profound changes in global context for our work in recent years. DE is no longer only about "them" or "the others", it is just as much about us and our own development. As global power shifts from the West towards the South and

East, I also believe that we increasingly see development problems also in traditionally rich donor countries and that the gap between the development discourse in rich and poor countries is getting smaller. Increasing this means that DE is no longer an effort carried out by idealists and do-gooders in the North, but a democratic necessity in all countries.

Key question 2: What results do we want?

When DE was part of the ODA the expected result was a public opinion that supported aid and increasing aid budgets. This was and still is measured by national polls and barometers. However, as DE now is linked to other goals and aims, what results do we want?

My concern about the results agenda has been that there has been too much focus on documenting results and developing tools and models for measuring results, and too little attention to the most important question: what results do we want?

(etc. etc re GENE-contribution)

Key message: For evaluation to be a learning process, it is crucial that you own it!

This is perhaps obvious, but if you, as an actor in DE, is seriously committed to your work and in a position to initiate the evaluation yourselves, set the terms of reference, pick the evaluation team and you, and you alone, decide if and how the key findings and recommendations should be followed up, then there is good potential for evaluation as a learning process. When DE actors initiate evaluations of their own programs and projects that is normally the case. For evaluations at a national level it is much more difficult.

From my own experience in Norway I believe we have had one such evaluation at national level during the last 25 years. That was an evaluation initiated by the RORG-network in 2002, funded by the MFA, inviting well known experts and activists from the South to evaluate how we did DE in Norway as seen from a southern perspective. Despite their profoundly critical southern perspectives I believe it is fair to describe it as a learning process and a process with lasting impact on the DE efforts of many Norwegian NGOs and in Norway in general. However, for key evaluations of DE at a national level that is often not the case. When many evaluations fail as learning processes it is my experience that a key reason for failure is often that those who are being evaluated do not own the process and its outcomes. That itself creates a dynamic that is not conducive for learning, especially if the outcomes might threaten the future or even the existence of the activities or actors being evaluated. That typically happens when a donor, a government, ministry or agency, initiate an evaluation of the DE-activities of actors funded, without the mutual trust and confidence needed to avoid that those being evaluated are primarily concerned about what will come out of the evaluation and how will the funders use it. But even if the donor is seriously committed to evaluation as an inclusive and learning process for actors, it might be difficult, because among the actors there will often be different perspectives and interests at stake.

On the background that you, in Portugal, has been able to develop and agree on a National Strategy for DE, it is my belief that you, despite the current financial constraints on funding, is in a fairly good position to carry out an evaluation at the national level as a learning process, compared to many others. However, it is my assumption that it will not be easy.

Why do I assume that?

1) It is my experience that DE, as an extremely complex activity that requires a long-term perspective and at the same time is sensitive to short-term and unpredicted changes, suffers from lack of continuity within actors and funders. I don't know how many times I have participated in discussions about concepts, strategies, key challenges, how to understand funding guidelines etc and felt we came to some sort of common understanding, only to experience that next time we have to start all over again, partly because those that took part last time quit their jobs or couldn't attend, and new people in the same or other positions within NGOs, agencies and ministries ask the same questions again and in addition ask new ones, and partly because something has happened or things have changed. For those of us who represent continuity, or intend to do so in the future, this can be part of a fruitful learning process and renewal, but it also requires a lot of patience and often poses challenges, not least with regard to evaluations.

SESSÃO 2

Apresentação de 1 processo, 1 projeto e 1 ação de ED

- Margarida Fernandes, Escola de Gualtar, Braga
- Ana Teresa Santos, IMVF
- Margarida Gomes, ABAE

Moderadora: La Salete Coelho

- **MARGARIDA FERNANDES**
PROFESSORA DO 3º CICLO DO ENSINO BÁSICO E SECUNDÁRIO, BRAGA



Avaliação de uma Ação “Conectando Mundos”

Margarida Fernandes
Escola Básica de Gualtar

Portugal

Margarida Fernandes
Escola Básica de Gualtar

CONTEXTUALIZAÇÃO

Envolveu

☞ 240 alunos e 14 professores

Período temporal

☞ 2º período letivo

Portugal

CARATERIZAÇÃO DA AÇÃO

Projeto Conectando Mundos



foot.com

CARATERIZAÇÃO DA AÇÃO

Como funciona?

- ☞ Há um tema
- ☞ Plataforma Digital ★
- ☞ Atividades dentro da sala de aula
- ☞ Atividades numa rede (alunos e alunas dos 6 aos 17 anos de várias escolas do mundo)
- ☞ Formação de equipas (15 escolas de vários países)

foot.com

CARATERIZAÇÃO DA AÇÃO

Alunos:

- ☞ Equipas de trabalho
- ☞ Trabalho colaborativo:
 - Leitura de documentos,
 - pesquisa de informação,
 - trabalho de grupo,
 - debates,
 - construção de materiais

Rede 2000

CARATERIZAÇÃO DA AÇÃO

Como funciona?

- ☞ Trabalho dividido em 4 fases
- ☞ Vários desafios em cada fase
- ☞ Tempo definido para cada fase

Rede 2000

CARATERIZAÇÃO DA AÇÃO

Alunos:

- ☞ Equipas de trabalho
- ☞ Trabalho colaborativo:
 - Leitura de documentos,
 - pesquisa de informação,
 - trabalho de grupo,
 - debates,
 - construção de materiais

Rede de

CARATERIZAÇÃO DA AÇÃO

Professores:

- ☞ Envolvimento do Conselho de Turma
- ☞ Formação prévia
- ☞ Reflexão pessoal

Rede de

AVALIAÇÃO

Dois momentos de avaliação:

- ☞ Intermédia
- ☞ Final

AVALIAÇÃO

Avaliação intermédia:

- ☞ Questionário aos alunos
 - Contributo pessoal
 - Contributo do grupo
 - Aspectos positivos e negativos da ação

AVALIAÇÃO

Avaliação final:

- ☞ **Focus group (alunos)** – clarificação de constrangimentos e mais valias
- ☞ **Questionário aos alunos** (avaliação da ação, do processo e enriquecimento pessoal)★
- ☞ **Questionário aos professores** (avaliação da ação e do processo) ★

(Os questionários foram testados por peritos e por um público semelhante)

Margarida Fernandes
Escola Básica de Quiliter

RESULTADOS DA AVALIAÇÃO

Alunos (46)

Aspectos mais positivos:

- Ter maior conhecimento sobre o que se passa no mundo.
- Tomar consciência dos problemas do mundo atual, da realidade de países distantes, dos problemas ambientais.

RESULTADOS DA AVALIAÇÃO

Alunos (46)

Aspectos menos positivos:

- Trocar ideias com alunos doutros países (48%)

Realização

RESULTADOS DA AVALIAÇÃO

Alunos (46)

O que nos surpreendeu:

- Passar a estar mais atento às notícias sobre temas relacionados com os direitos sociais (98%)
- Saber a opinião de outras pessoas sobre problemas do mundo atual (93%)
- Refletir com a família e/ou amigos sobre problemas do mundo atual (70%)

Realização

RESULTADOS DA AVALIAÇÃO

Professores (7)

Aspectos mais positivos:

- Entusiasmo dos alunos.
- Despertar, nos alunos, a consciência cívica e o valor da intervenção social.
- Permitir o debate e a troca de ideias sobre temas fundamentais.

RESULTADOS DA AVALIAÇÃO

Professores (7)

Aspectos menos positivos:

- Falta de tempo para realizar as atividades propostas.
- Calendário das fases coincidirem com interrupção de aulas.
- Dificuldade de coordenação entre professores.

RESULTADOS DA AVALIAÇÃO

Professores (7)

O que nos surpreendeu:

- Todos os professores querem participar no próximo ano letivo
- e querem captar mais professores para o projeto



RESULTADOS DA AVALIAÇÃO

Escola

A avaliação ainda não foi comunicada



REFLEXÕES FINAIS

1 - A Avaliação funcionou como um processo de aprendizagem para a escola/grupo de professores/as que esteve na sua organização? Que mudanças operou no seu funcionamento?

2 - Existe algum impacto que não seja mensurável ou visível mas que seja sentido pelos professores/as "organizadores/as" como consequência da sua intervenção?

Margarida Fernandes
Escola Básica de Guslar



IV Jornadas de Educação para o Desenvolvimento

Plataforma Digital do Conectando Mundos



B - Ter participado no projeto Conectando Mundos permitiu-me: *

	Concordo totalmente	Concordo	Não tenho opinião	Discordo	Discordo totalmente
1 - Ter maior conhecimento sobre o que se passa no mundo.	☐	☐	☐	☐	☐
2 - Saber a opinião de outras pessoas sobre problemas do mundo atual.	☐	☐	☐	☐	☐
3 - Trocar ideias com alunos doutros países.	☐	☐	☐	☐	☐
4 - Refletir com a família e/ou amigos sobre problemas do mundo atual.	☐	☐	☐	☐	☐
5 - Aumentar a minha cultura geral.	☐	☐	☐	☐	☐
6 - Conhecer melhor os colegas com quem trabalhei em grupo.	☐	☐	☐	☐	☐
7 - Passar a estar mais atento às notícias sobre temas relacionados com os direitos sociais.	☐	☐	☐	☐	☐



4 - Por favor indica a tua opinião. *

	Concordo totalmente	Concordo	Não tenho opinião	Discordo	Discordo totalmente
4.1 Não tive dificuldade em utilizar a plataforma digital do Conectando Mundos.	☐	☐	☐	☐	☐
4.2 Os materiais disponibilizados eram de fácil acesso.	☐	☐	☐	☐	☐
4.3 Os materiais disponibilizados facilitaram a abordagem do tema.	☐	☐	☐	☐	☐
4.4 Os materiais disponibilizados estavam de acordo com a faixa etária dos alunos.	☐	☐	☐	☐	☐
4.5 Os desafios colocados eram de fácil resolução.	☐	☐	☐	☐	☐
4.6 O tempo disponibilizado para a realização de cada fase eram suficiente.	☐	☐	☐	☐	☐

foot.com



- **ANA TERESA SANTOS**
INSTITUTO MARQUÊS DE VALLE FLÔR



O Processo avaliativo do Projeto Desafiar a Crise
A Avaliação na Prática : Apresentação e Reflexão sobre experiências concretas no quadro de PROJETOS

IV Jornadas de ED
Fundação Cidade de Lisboa
29 de Abril de 2014

CHALLENGING THE CRISIS
DESAFIAR A CRISE



O Projeto



Localização: Portugal, Irlanda, Grécia, Espanha, Itália e Eslovénia

Duração: 36 meses – 2 de abril 2013 a 1 de abril 2016

Beneficiários:

Jovens adultos cidadãos da União Europeia; técnicos das ONGD; media / jornalistas; decisores políticos.

Objetivos:

Geral: Contribuir para um mundo mais justo e sustentável através da sensibilização e empoderamento dos cidadãos europeus como defensores do desenvolvimento global.

Específico: Envolver os cidadãos dos países altamente endividados na compreensão da interdependência dos assuntos de justiça social nacionais e internacionais e no apoio ao fortalecimento das políticas de desenvolvimento apesar das medidas de austeridade aplicadas a nível nacional.



Os Parceiros



Os Financiadores

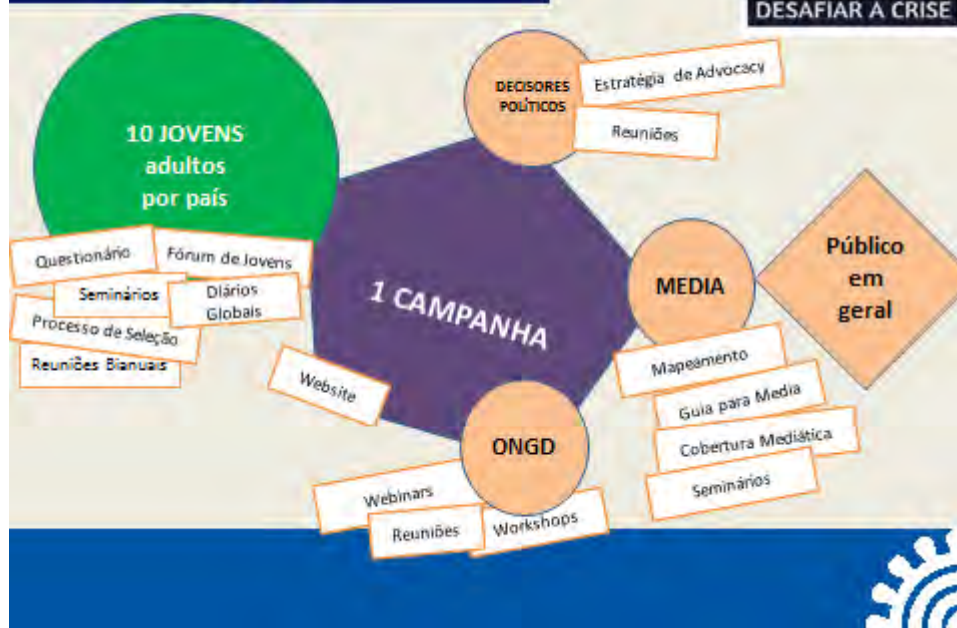


Resultados

Resultado Previstos

- R1: Pelo menos 1200 jovens adultos, envolvidos em assuntos de justiça local, recebem mais informação e apoiam a dimensão global e europeia dos assuntos de justiça domésticos, e são criados espaços para o debate críticos nas ligações globais-loais;
- R2: Pelo menos 60 atores das OSC, nos países parceiros da UE, são capacitados para serem capazes de realçar as interdependências entre assuntos de justiça locais e globais;
- R3: 330 pessoas responsáveis pela cobertura mediática dos temas de justiça doméstica e crises da dívida têm uma perspetiva mais global dos temas;
- R4: Os decisores políticos a nível europeu são influenciados através da rede "Jovens Europeus para a Mudança" e a Iniciativa de Cidadania Europeia é apresentada à Comissão Europeia;
- R5: Um sistema eficiente de gestão, acompanhamento, avaliação e controlo financeiro do Projeto é implementado

O Projeto



Monitorização & Avaliação

CHALLENGING
THE CRISIS
DESAFIAR A CRISE



Monitorização & Avaliação

CHALLENGING
THE CRISIS
DESAFIAR A CRISE

Dimensão Interna
- Avaliação como oportunidade de aprendizagem.
- Avaliador = Amigo Crítico

&

Dimensão Externa
- Avaliação como obrigação
- Prestação de contas para com o(s) financiador(es)



Publicação de Termos de Referência & Contratação equipa de avaliadores

Monitorização & Avaliação

CHALLENGING
THE CRISIS
DESAFIAR A CRISE



Revisão Quadro Lógico

Instrumentos de Monitorização

CHALLENGING
THE CRISIS
DESAFIAR A CRISE

Nome do Instrumento	O que é?
Event Report Form	Formulário para os parceiros recolherem e registarem informação qualitativa e quantitativa sobre eventos
OICM&E Report	Folha Excel para todos os parceiros registarem toda a informação quantitativa (além da financeira) relacionada com todas as atividades (número de participantes, etc.)
Media & Policy Monitoring Reports	Ferramenta excel para todos os parceiros registarem toda a informação sobre o trabalho de disseminação do Projeto (cobertura mediática, social media, etc) de forma quantitativa (ex. Alcance) e qualitativa, e para registar resultados e detalhes qualitativos relativamente ao trabalho com decisores políticos.
Anecdotal Evidence Record	Ferramenta excel para os parceiros registarem detalhes qualitativos de qualquer ocorrência, respostas, abordagens, etc.

Instrumentos de Monitorização

CHALLENGING
THE CRISIS
DESAFIAR A CRISE

Nome do Instrumento	O que é?
Stakeholder maps	Mapeamento de Stakeholders em cada país
External commentators list	Lista de comentadores externos identificados pelos parceiros, que poderão ser entrevistados durante a implementação do Projeto (meses 18-36)

Outros Instrumentos

CHALLENGING
THE CRISIS
DESAFIAR A CRISE

Nome do Instrumento	O que é?
Entrevistas, conversas e observação de atividades	Já realizadas: - Entrevistas realizadas em Bruxelas com parceiros - Focus Group no Fórum de Jovens em Bruxelas (4 jovens por país) - Sessão M&E e observação durante o Fórum - Observação de algumas reuniões com Eurodeputados A realizar: - Entrevistas lista de comentadores - Entrevistas parceiros
Análise dos resultados do Projeto	Análise Plataforma NING / Facebook Relatórios Anuais Questionário Atitudes e Percepções dos jovens sobre desenvolvimento e justiça social global Etc.
Global Diaries	Discussões entre os YGAs na Plataforma NING
Visitas aos países	Com o objetivo de observar atividades, realizar entrevistas, etc.

Relatório Meio Termo (18 meses)

CHALLENGING
THE CRISIS
DESAFIAR A CRISE



Relatório Meio Termo (18 meses)

CHALLENGING
THE CRISIS
DESAFIAR A CRISE

"The programme's performance to date:

- *It is too soon to assess the extent to which the "overall objective" (...) and the "specific objectives" (...) have been or will be achieved.*
- *The project is going well, a great deal has been achieved in a difficult environment and all involved are making great efforts to achieve as much as they can. The project management and the functioning of the partnership are very solid. There is good performance against targets in many areas at the level of outputs and activities (see below for specific successes and weaknesses).*
- *CtC partners need to focus on a few headline areas to guide their thinking and planning from now on:*
 - *Disciplined, prioritised delivery of the key activities and outputs*
 - *Engaging with YGAs and through them with a wider audience of young adults across Europe*
 - *Delivering a campaign with the potential to influence decision-makers and public discourse*
- *This may result in focusing on Results 1 and 4, with Results 2, 3 and 5 only being pursued insofar as they help deliver Results 1 and 4 (with some activities under Results 2 and 3 being scaled down or scrapped). This focus would broadly reflect the relative successes and weaknesses to date (see below) and would therefore be a case of building on existing foundations. "*

Relatório Meio Termo (18 meses)



"Successes to build on"

- *YGAs are a huge asset. Partners must still focus on engagement, motivation & direction of the group.*
- *The GYF was a huge success and the choice of campaign topic was a real milestone. It has taken time to turn the topic into an actual campaign. However, though the process has been somewhat tortuous there are very promising signs that it will deliver a good output. Partners must capitalise on this, using their own resources, YGAs, other contacts (institutional and individual) to implement the campaign actions.*
- *The initial response of MEPs was very promising and is a platform to build on to strengthen the campaign, by developing relationships and exploiting them as a route to other decision-makers.*
- *The project management is effective and there is a collaborative and positive attitude among partners. Some processes could be streamlined to save on time and resource allocation needs to be considered.*
- *Monitoring and evaluation tools are in place. Partners need to use them and should aim to support DP Evaluation as far as possible (by providing data, facilitating interviews and supporting country evaluation visits) in the remainder of the project so that the successes and the eventual outcomes and impact are captured in ways that will be beneficial in the future"*



Relatório Meio Termo (18 meses)



"Weaknesses to address"

- *It is in partners' own interests to make better use of all the M&E reporting tools to record data*
- *The Youth Survey Report is weak. Partners should consider whether it is advisable to send the report to policy-makers, YGAs and other stakeholders, in its current form. The main problems (which can still be addressed) are the standard of English and the lack of analysis and interpretation of findings, which could be used to both enhance the implementation of the project and inform the advocacy campaign.*
- *It is unlikely that all the intended activities can still be implemented properly. This is not the fault of the partners. If the chances of overall success are to be maximised then some prioritising, re-planning and reallocation of budget (from one heading to another) will be required. There is still time to do this but it must be done now.*
- *IDEA and partners need to prioritise activities and then focus on delivery with as little time as possible devoted to partnership process. Communications should be streamlined and IDEA may need to shift the balance away from inclusion and become more directive."*



Conclusões

CHALLENGING
THE CRISIS
DESAFIAR A CRISE



Conclusões (tentativa de..)

CHALLENGING
THE CRISIS
DESAFIAR A CRISE

- A opção de ter envolvido o avaliador externo desde o início da implementação do Projeto foi excelente:
 - Permitiu a realização de uma ajuste aos indicadores do quadro lógico logo no início do Projeto;
 - Avaliador = Amigo Crítico = Psicólogo em tempos de stress;
 - A riqueza de ter alguém que nos ajuda a melhorar a implementação do Projeto e a “corrigir a rota” é inestimável (por muito que o tentemos fazer dentro de uma organização nunca há distanciamento suficiente)

Conclusões (tentativa de..)

CHALLENGING
THE CRISIS 
DESAFIAR A CRISE

- Aquando do cálculo de imputação de recursos humanos é necessário ter em conta não só o tempo de implementação das atividades mas também o tempo necessário para monitorizar e avaliar.
 - **O que é mais importante: implementar as atividades ou monitorizar e avaliar as atividades?**
- **Nos projetos de Cidadania Global o equilíbrio entre recolha de informação quantitativa e qualitativa é fundamental**
- **A abertura à crítica é fundamental** – a avaliação tem de ser vista como processo de aprendizagem (problema: muitas vezes não termos segundas oportunidades para melhorar 😊)



Muito Obrigada!

Ana Teresa Santos
IMVF
asantos@imvf.org

CHALLENGING
THE CRISIS 
DESAFIAR A CRISE

- **MARGARIDA GOMES**
ASSOCIAÇÃO BANDEIRA AZUL DA EUROPA



**Avaliação no Programa Eco-Escolas:
contributos para uma reflexão sobre *“a criação um
modelo de avaliação para projetos escolares de EAS”***

Margarida Gomes/ABAE

ABAE: ONGA que representa em Portugal ...alguns dos Programas da FEE



- ONGA (1990), ONGD (1993), Instituição de Utilidade Pública
- Membro da FEE desde 1990
- Operador Nacional de 4 dos Programas da FEE
- + 1 de origem nacional



- “família” de Organizações Não-Governamentais de Ambiente
- em 59 países: maioria Europa, mas também África do Sul, Marrocos, Canadá, Nova Zelândia, Chile, Brasil, China, Caraíbas, Estados Unidos, Malásia, etc.

VISÃO dos Programas da FEE



Em todos os continentes ... em quase todos os países da Europa



- Coordenação/articulação e partilha entre a rede de ONGAs
- Oportunidade para as escolas de desenvolvimento de projectos internacionais

FEE está em
69 países do mundo



Eco-Schools

Nº países envolvidos - 59

Nº de Escolas participantes- 44.547

Nº de escolas Galardoadas- 15.747

Nº Alunos- cerca de 14 milhões

Nº Professores- 1.241.567 (mais de 1 milhão)

<http://www.eco-schools.org>



<http://www.eco-schools.org>

Programa Eco-Escolas reconhecido pela UNESCO

Documento da UNESCO
refere o Programa Eco-Escolas
como a maior rede
internacional de professores e
alunos do Mundo a trabalhar
em EDS

"Shaping the Future We Want". UN Decade of Education for Sustainable
Development (2005-2014). FINAL REPORT (página 91)

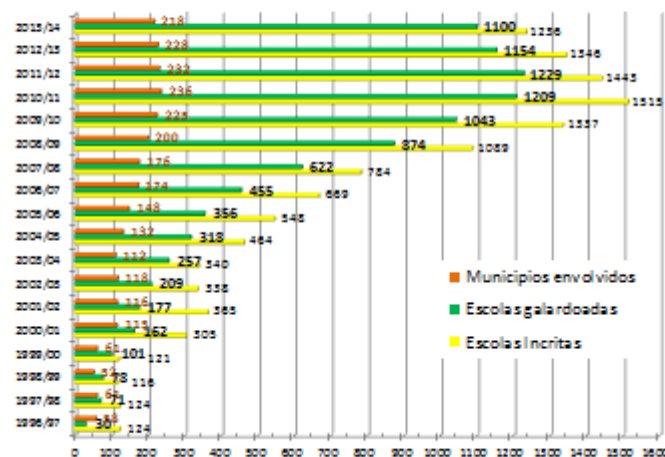
<http://unesdoc.unesco.org/imaget/2015/0013501/3501713.pdf>



Eco-Schools help students to experience active citizenship in their school. It benefits the schools through an improved school environment and financial savings, as well as the wider community through increased environmental awareness. Most importantly, it promotes student empowerment. **Currently more than 14 million students and 1.2 million teachers in 58 countries are involved in the Eco-Schools programme, making it the largest international network of teachers and pupils in the world.**

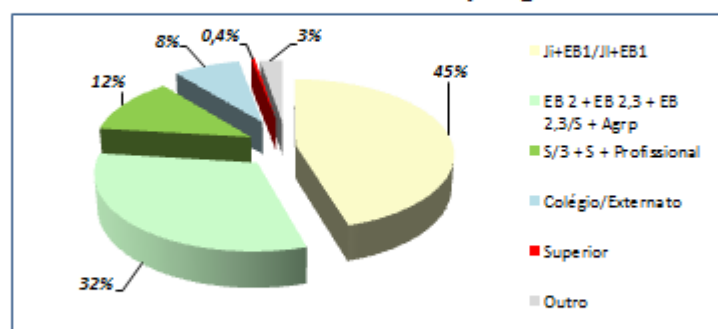
Evolução e continuidade ... há 19 anos em Portugal;

2014/15: 1274 escolas inscritas em 220 concelhos



Em todos os graus de ensino: ... do pré-escolar ao superior

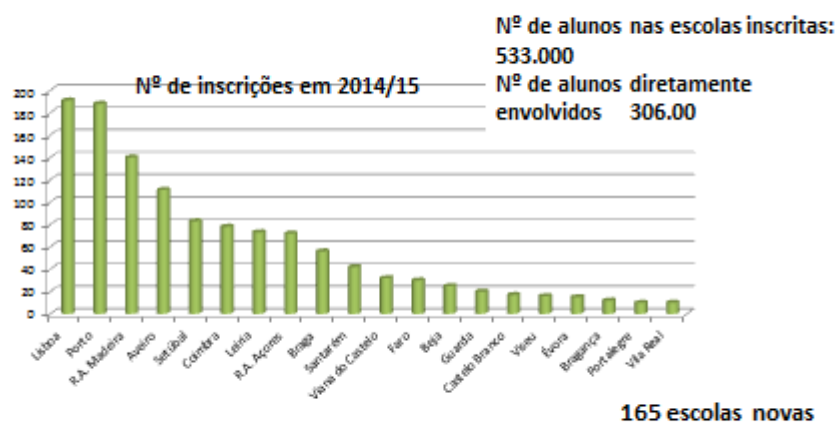
% de Eco-Escolas por graus de ensino



9 Estabelecimentos do ensino superior inscritos em 2014/15



Dimensão geográfica: Em todos os distritos /RA



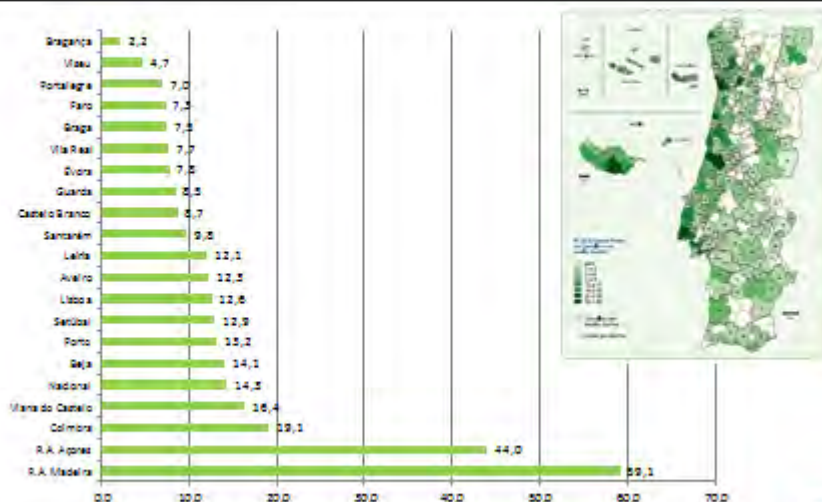
87% das escolas renovaram a inscrição do ano anterior

13% não renovaram

Principais razões: encerramento; mega-agrupamentos; constrangimentos; mobilidade docente



Taxa de cobertura: Em 14% das escolas do país



Taxa calculada tendo como referência as escolas públicas por distrito (denominador)
Nota: na Madeira foram consideradas as escolas públicas e privadas



Apoios e Parcerias

Municípios parceiros

VILA NOVA DE GAIA
 Câmara Municipal

 CASCAIS

AGUEDA
 Câmara Municipal

Beja
 Câmara Municipal

CÂMARA MUNICIPAL DE GONDOMAR
 IMPRENSAGRATIS DE ALFAMENDE E INTERMUNICIPAIS DE GONDOMAR

COMISSÃO NACIONAL DO PROGRAMA ECO-ESCOLAS:



**Avaliação no Programa Eco-Escolas:
contributos para uma reflexão sobre *“a criação um
modelo de avaliação para projetos escolares de EAS”***

Margarida Gomes/ABAE



**Avaliação no Programa Eco-Escolas:
contributos para uma reflexão sobre *“a criação um
modelo de avaliação para projetos escolares de EAS”***

Margarida Gomes/ABAE

comportamentos

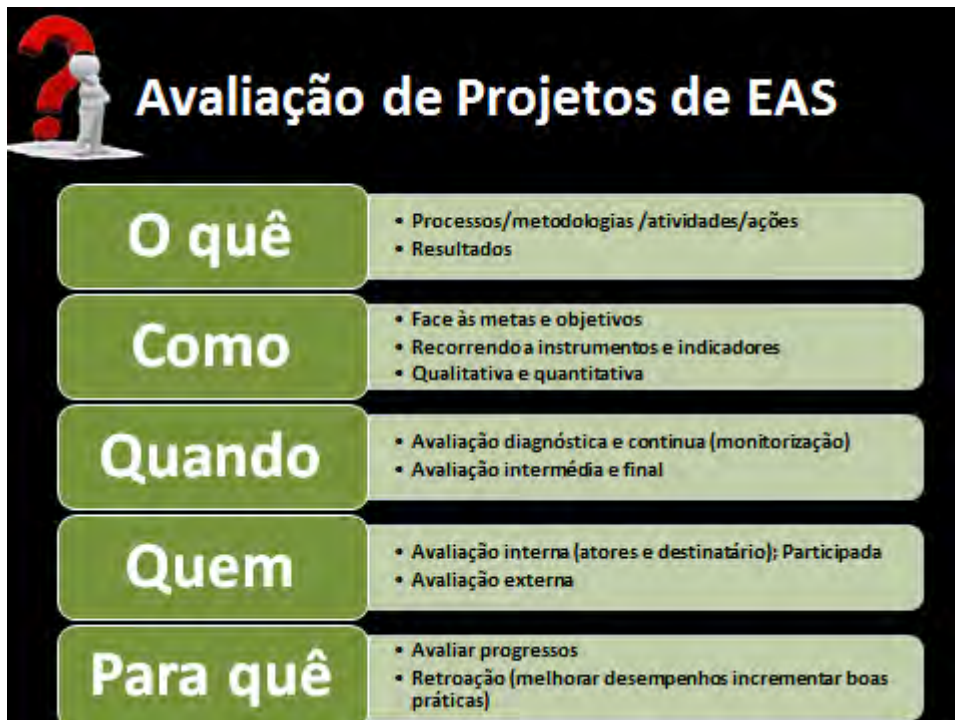
processos **ações** **aprendizagens** **participada** **observação** **formativa** **externa** **interna** **metas** **inquérito** **instrumentos** **satisfação** **produtos** **diagnóstica** **objetivos** **Feed-back**



Porquê a necessidade de avaliar Projetos de EAS?

1. Necessidade de **controlar a despesa pública** no sistema educativo reunindo informação que sirva de base à tomada de decisões.
2. Necessidades do mercado em definir **parâmetros de eficiência**. Tal, permitirá às escolas não só estabelecer comparações, mas acima de tudo inovar.
3. Necessidade de **reforçar as competências da escola** no desenvolvimento dos currículos num contexto de autonomia. A integração de aspetos como a diversidade de contextos socioculturais, a equidade e a participação da comunidade podem ser integrados e conduzir a uma mudança.
4. Necessidade de todas as instituições entre as quais a escola se **adaptarem** à complexidade e imprevisibilidade do mundo.
5. Necessidade de **incrementar uma cultura de avaliação** que privilegie a avaliação formativa, contínua, participada e imbuída de um processo de auto-avaliação. Porque avaliar é ensinar e aprender.

Norris (1998) in Mogensen e Mayer (2005). (adapt pontos 1 a 4.)
Mogensen, P.; Mayer, M. (eds.) (2005). *Too-scholar: Trends and divergences. A comparative study on bio-school development processes in 15 countries*. Austrian Federal Ministry of Education, Science and Culture. 3550.



Como avaliar as várias áreas de intervenção dos projetos de EAS ?

A cidadania na escola abrange três áreas de intervenção:

- **Curricular:** relacionado com o projeto educativo, com os conteúdos interdisciplinar e com as metodologias de ensino-aprendizagem, entre outros;
- **Organizativas:** ao nível do regulamento da escola, da cooperação nos órgãos de gestão, na organização de espaços e serviços em atividades de enriquecimento curricular;
- **Comunitária:** relativa à participação dos pais e comunidade em geral. Deve envolver a criação de parcerias com instituições e associações locais e/ou nacionais e internacionais, os intercâmbios com escolas ou a adesão a redes de educação (em particular as redes de EA).

Puriza (2001) e Afonso (2007) in Gomes, João (2008)
Programa Eco-Escolas: um contributo para a sua avaliação.
Tese de Mestrado em Estudos Ambientais: cidadania e participação, UA



Que tipos/grupos de indicadores seleccionar para avaliar o impacto dos projetos em EAS?

Pedagógicos

Sociais e organizacionais

Ambientais e técnicos



Exemplos de indicadores

A. Pedagogical indicators

1. Incorporation of sustainability issues in school subjects (health education, different cultures, gender card, human rights, cultural heritage, etc.) per cent (%).
2. Total number of teaching hours per subject, employing teamwork teaching approaches per cent (%).
3. Incorporation of ICT for teaching of all subjects used to develop cooperation skills, critical and creative thinking to solve problematic situations.
4. Number of educational visits in order to improve the environmental, social and cultural awareness of students.
5. Number of events (cultural, environmental, etc.) for students, parents or local community members organised by the school in collaboration with students and teachers.
6. Number of optional school activities and projects (Environmental, Health Education, Cultural Education, Comenius, e-Twinning, pupil competitions, etc.) implemented in school.
7. Number of punishments imposed to students.
8. Percentage of dropouts.

Dimitrios Korbizidis SUSTAINABLE SCHOOL INDICATORS: APPROACHING THE VISION THROUGH THE SUSTAINABLE SCHOOL AWARD
Journal of Teacher Education for Sustainability, vol. 14, no. 2, pp. 188-190



Exemplos de indicadores

B. Social and organisational indicators

1. Does the school implement a Sustainable Management Plan (SMP) and an Activity Programme (SAP)?
2. Part of the total number of school teachers (%) who are actively involved in SMP.
3. Percentage of students who are actively involved in the SMP.
4. Total hours of professional development seminars attended by school teachers.
5. Total hours of professional development seminars attended by the school principal.
6. Number of teacher meetings (other than mandatory) on teaching and learning approaches to plan joint projects related to education for sustainability, to develop strategies, to link the school with the local and international community, to reflect on the school accomplishments, etc.
7. Number of pupil-council meetings on issues relating to environmental management of the school, teaching methods, safety issues, etc.
8. Number of pupil-general assemblies with the same topics as above.
9. Has the school undergone an aesthetic improvement by students in collaboration with teachers, parents, municipality, etc.?
10. Number of School Councils convened in order to inform the school community, to reflect on school issues (teaching methods, environmental management, etc.).
11. Number of social and pro-environmental actions of school (planting trees, participating in social fundraising, taking care of animals, etc.).
12. Number of lectures on sustainability issues given by out of school specialists who visited the school.
13. Number of collaboration meetings with the local school activities adviser-consultant.
14. Members of the Parents' Association who voted in the last election (%).
15. Number of visits to the website of the school during the school year.
16. Does the school have a website for sustainability?

Dimitrios Kallitziadis SUSTAINABLE SCHOOL INDICATORS: APPROACHING THE VISION THROUGH THE SUSTAINABLE SCHOOL AWARD
Journal of Teacher Education for Sustainability, vol. 24, no. 2, pp. 268-280



Exemplos de indicadores

C. Environmental-economic-technical indicators

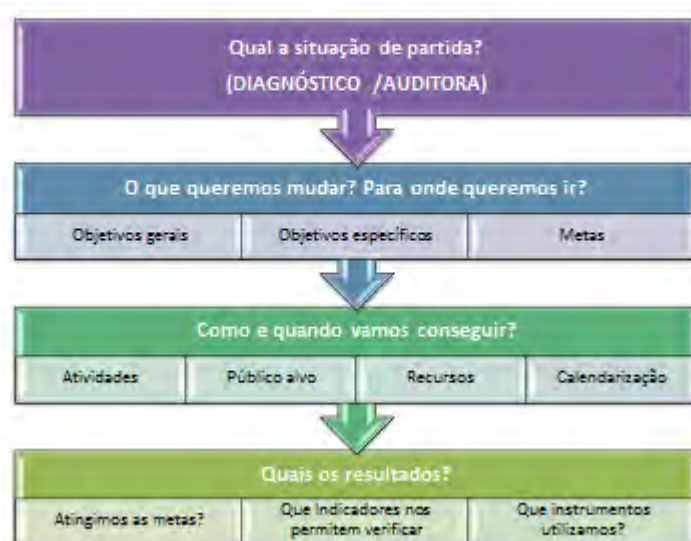
1. Percentage of students going to school on public transportation, bike/private car/ feet.
2. Weight of recyclable materials (paper, glass, metal and plastic) that were recovered per pupil and teacher.
3. Weight of waste going to landfill per pupil and teacher.
4. Number of copier paper sheets per student and teacher.
5. Water consumption per pupil and teacher.
6. Does the school employ a system for storage and use of rainwater?
7. Electricity consumption per pupil and teacher.
8. Does the school use environment-friendly detergents for cleaning?
9. Weigh electric-electronic devices and batteries given for recycling per pupil and teacher.
10. Is the central heating system checked annually for compliance with Eco Audit?
11. Consumption of oil or natural gas for heating per pupil and teacher.
12. Is the school building insulated?
13. Power of photovoltaic systems installed in school.
14. Does the school run a vegetable garden, flower garden or a roof garden?
15. Number of plants and trees across the surface of the school (courtyard included).
16. Does the school have composting systems?

Dimitrios Kallitziadis SUSTAINABLE SCHOOL INDICATORS: APPROACHING THE VISION THROUGH THE SUSTAINABLE SCHOOL AWARD
Journal of Teacher Education for Sustainability, vol. 24, no. 2, pp. 268-280



Avaliação: a experiência do Programa Eco-Escolas

Metodologia das Eco-Escolas : da avaliação diagnóstica à avaliação das ações



AVALIAR PROGRAMAS, PROJETOS, ATIVIDADES, AÇÕES

Avaliação nas Eco-Escolas : implícita nos 7 passos da metodologia



Avaliação no Programa Eco-Escolas

Quem

- INTERVENIENTES
conselho EE: professores, alunos,
coordenador, direção pais,
município, outros

Avaliação
interna

- ABAE
- DGESTes / DRA
- Comissão Nacional (APA/ DGE)
- FEE internacional

Avaliação
externa



Avaliação no Programa Eco-Escolas



Avaliação interna: presente em vários momentos



Na auditoria /diagnóstico:



**No planeamento das ações :
eficácia e grau de satisfação**



**Na implementação das
ações:monitorização**



**Na avaliação final : decisão sobre
candidatura e ações futuras**



Na auditoria /diagnóstico:

OBJECTIVOS

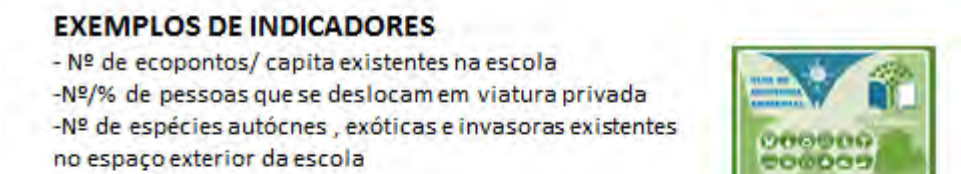
- Caracterizar o “ponto de partida”
- Detetar os “pontos fracos”
- Inspirar o planeamento das ações

- OBJECTIVOS**
- Caracterizar o “ponto de partida”
 - Detetar os “pontos fracos”
 - Inspirar o planeamento das ações

EXEMPLOS DE INDICADORES

- Nº de ecopontos/ capita existentes na escola
- Nº/% de pessoas que se deslocam em viatura privada
- Nº de espécies autóctones , exóticas e invasoras existentes no espaço exterior da escola

- EXEMPLOS DE INDICADORES**
- Nº de ecopontos/ capita existentes na escola
 - Nº/% de pessoas que se deslocam em viatura privada
 - Nº de espécies autóctones , exóticas e invasoras existentes no espaço exterior da escola
- 



EXEMPLOS DE FERRAMENTAS e INSTRUMENTOS

[Guia de auditoria ambiental](#): observação e inquérito sobre hábitos e comportamentos.

[Cálculo da pegada carbônica da escola](#)

EXEMPLOS DE FERRAMENTAS e INSTRUMENTOS

[Guia de auditoria ambiental](#): observação e inquérito sobre hábitos e comportamentos.

[Cálculo da pegada carbônica da escola](#)



EXEMPLOS DE FERRAMENTAS e INSTRUMENTOS

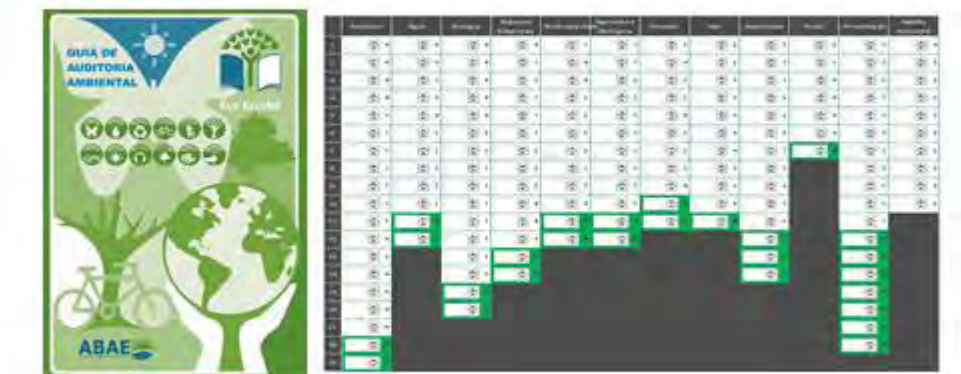
[Guia de auditoria ambiental](#): observação e inquérito sobre hábitos e comportamentos.

[Cálculo da pegada carbônica da escola](#)



Auditoria Ambiental:
...diagnosticar problemas e avaliar progressos

Auditoria Ambiental:
...diagnosticar problemas e avaliar progressos



The logo on the left is for the Associação Brasileira de Auditoria Ambiental (ABAAE). It features a green background with a stylized tree, a globe, and a bicycle. The text 'GUIA DE AUDITORIA AMBIENTAL' is at the top, and 'ABAAE' is at the bottom.

The table on the right is a detailed list of environmental indicators. It has 15 columns: Indicador, Qualidade, Quantidade, Valor, Unidade, Descrição, Unidade, Valor, Unidade, Descrição, Unidade, Valor, Unidade, Descrição, and Unidade. The table contains 20 rows of indicators, including 'Área total da propriedade', 'Área total da propriedade (ha)', 'Área total da propriedade (m²)', 'Área total da propriedade (km²)', 'Área total da propriedade (m²)', 'Área total da propriedade (km²)', 'Área total da propriedade (m²)', 'Área total da propriedade (km²)', 'Área total da propriedade (m²)', 'Área total da propriedade (km²)', 'Área total da propriedade (m²)', 'Área total da propriedade (km²)', 'Área total da propriedade (m²)', 'Área total da propriedade (km²)', and 'Área total da propriedade (m²)'. The table is color-coded with green and grey cells.





OBJECTIVOS

- Verificar como atingir as metas estabelecidas
- Verificar o grau de eficácia das diferentes ações e atividades
- Verificar o grau de satisfação dos participantes
- Sugerir alterações e/ou formas de melhoria e potencialização das ações

EXEMPLOS DE INDICADORES

- Nº de alunos que demonstram ter modificado comportamentos
- Nº de ecopontos utilizados corretamente
- Nº de participantes que consideram a ação boa ou muito boa

EXEMPLOS DE FERRAMENTAS e INSTRUMENTOS

Plano de ação

Cada escola tem o seu próprio Plano de Ação

Elementos do Plano de Ação							
Diagnóstico (situação a melhorar)	Objectivos a atingir (incluir metas)		Ações, medidas e actividades previstas	Concretização			Indicadores de monitorização e avaliação das acções
	Objectivos a atingir	Metas		Recursos	Intervenientes	Calendarização	
Desperdício de água numa mina que se encontra junto à escola	• Criar condições para aproveitar um recurso natural que está a ser desperdiçado; • Sensibilizar a comunidade (escolar e local) para a necessidade de uma gestão eficiente da água.	• Diminuição, em 5%, do consumo médio de água da escola (tendo por base os valores do ano anterior ao início do projecto)	• Visita de estudo ao local	Máq. Fotográfica	Pais, profs, alunos, funcionários	1ºano/1ºP	Nº de análises de qualidade realizadas e respectivos parâmetros Verificação do diferencial de consumo de água (leitura dos contadores e comparação dos consumos com anos anteriores) Questionários para avaliar o grau de satisfação face às actividades
			• Levantamento do caudal de água à saída da mina		Alunos Ciências Naturais; PQ	1ºano/1ºP	
			• Analisar a qualidade da água	Reagentes, Mat. Laboratório	Alunos; Profs, Disciplina PQ	1ºano/2ºP	



Eco-Escolas



Dia internacional Eco-Escolas | World Days of Action
Dia da Terra | 22 abril 2015

AValiação INTERNA



**Na implementação das ações:
monitorização**

OBJECTIVOS

- Implicar os alunos no sucesso/insucesso das ações planeadas
- Corrigir as ações que estão a ser implementadas

EXEMPLOS DE INDICADORES

- Nº de ecopontos utilizados corretamente
- Nº de pessoas que desligam a luz/aparelhos
- Quantidade de resíduos no espaço exterior da escola

EXEMPLOS DE FERRAMENTAS e INSTRUMENTOS

- Grelhas de [monitorização de consumos](#) de água e energia
- Brigadas verdes de verificação das torneiras

Muitas escolas adotaram as “Brigadas Verdes”



Na avaliação final : decisão sobre candidatura e ações futuras

OBJECTIVOS

- Refletir/ discutir sobre a forma como decorreu o Programa
- Verificar progressos face ao diagnóstico inicial
- Evidenciar alterações e/ou formas de melhoria e potencialização das ações
- Obter o reconhecimento /feed-back face ao trabalho realizado

EXEMPLOS DE INDICADORES

- Nº Ações realizadas/ nº de ações previstas
- Grau de satisfação dos intervenientes (alunos, prof; AEE, pais, etc)

EXEMPLOS DE FERRAMENTAS e INSTRUMENTOS

- Resultados da monitorização e da avaliação das ações
- Realização de uma auditoria ambiental comparativa
- Guião sobre a qualidade de implementação dos 7 passos (visita)

Avaliação externa: presente em vários momentos



**Anual intermédia:
acompanhamento**



**Anual final:
candidatura ao galardão**

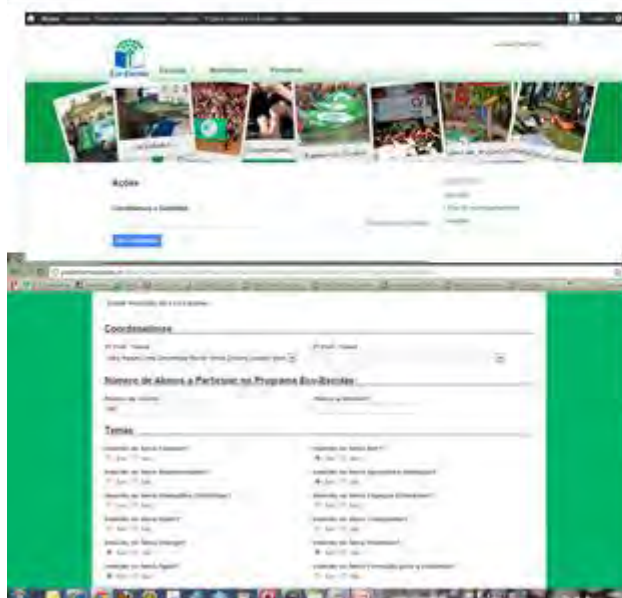


**Em cada 3 anos:
validação da qualidade**



Plataforma interativa online

<http://ecoescolas.abae.pt/>



A informação é
inserida pelo(s)
coordenadores EE
em cada escola.
Parte da informação
é pública

Municípios parceiros
e coordenação
regional
accedem a toda a
informação

AVALIAÇÃO EXTERNA

Qualitativa e formativa



**Anual intermédia:
acompanhamento**

OBJECTIVOS

- Confirmar o empenho da escola no desenvolvimento do Programa EE
- verificar a forma como está a/ pretende ser implementado o Programa
- Sugerir alterações e/ou formas de melhoria e potencialização das ações

EXEMPLOS DE INDICADORES

- Resultados da auditoria ambiental
- Composição do Conselho Eco-Escolas...
- Nº e tipo de ações planeadas

EXEMPLOS DE FERRAMENTAS e INSTRUMENTOS

Ficha de acompanhamento

Plano de ação

FEED-BACK ONLINE, via TELEFONE, via E-MAIL

A avaliação anual

INTERMÉDIA E FINAL – conjunto de parâmetros

FEVEREIRO: Ficha de acompanhamento : validação do Conselho Eco-Escolas e Plano de Ação

JUNHO: Candidatura ao galardão: cumprimento dos 7 passos , abordagem temática, progresso,



AVALIAÇÃO EXTERNA



Anual final: candidatura ao galardão

OBJECTIVOS

- Validar a implementação da metodologia EE
- Verificar progressos face à avaliação intermédia
- Reconhecer do trabalho realizado

EXEMPLOS DE INDICADORES

- Concretizou cada um dos 7 passos da metodologia?
- Cumpriu 2/3 do plano de ação? Quantas ações?
- Realizou a abordagem de 3 áreas temáticas

- > ▲ 4. Conselho Eco-Escolas
- > ✓ 5. Auditoria Ambiental
- > ✓ 6. Plano de Ação
- > ✓ 7. Monitorização
- > ✓ 8. Dia Eco-Escolas
- > ✓ 9. Divulgação
- > ▲ 10. Eco-Código

EXEMPLOS DE FERRAMENTAS e INSTRUMENTOS

Ficha de candidatura ao galardão
Evidências

AVALIAÇÃO EXTERNA FEED-BACK



Anual final anual: candidatura ao galardão

Galardão: bandeira verde



AVALIAÇÃO EXTERNA

Quantitativa



Em cada 3 anos: validação da qualidade

OBJECTIVOS

- Validar a qualidade de implementação da metodologia EE
- Incentivar as boas práticas e sugerir melhorias
- Incentivar a continuidade
- Reconhecer do trabalho realizado

EXEMPLOS DE INDICADORES

- Representação da comunidade escolar no CE
- Integração curricular
- Envolvimento dos alunos
- Medidas de gestão sustentável implementadas pela direção



EXEMPLOS DE FERRAMENTAS e INSTRUMENTOS

[Guia de visita às escolas](#)

(inquérito, entrevista, observação)

AVALIAÇÃO EXTERNA

Quantitativa



Ficha de visita às escolas

Realizada por instituições da Comissão Nacional Eco-Escolas

DGEste

DGEste

DGEste

DGEste

DGEste

DR#TA

DR#TA



Programa Eco-Escolas visitas às escolas (2009)



Resultados da visita à Escola			
Item a caracterizar		Classificação (1 a 5)	Desempenho (%) da escola
Contexto	1. Conselho Eco-Escolas	1.1 Representação da comunidade escolar 1.2 Participação dos alunos 1.3 Modo de funcionamento	80%
	2. Atividade Ambiental	2.1 Dimensão de realização (como foi feita) 2.2 Inquérito aos alunos da escola	80%
	3. Plano de ação e Co	3.1 Abordagem dos temas 3.2 Planificação, objetivos e indicadores de concretização 3.3 Integração curricular	80%
	4. Monitorização e Avali	4.1 Medições e instrumentos de análise 4.2 Avaliação das ações ou temas no plano e retroação	80%
	5. Comunicação/Interação	5.1 Dentro da escola 5.2 Na comunidade	80%
	6. Eco-Clube	6. Eco-Clube	80%
	7. Jardim e Verde	7. Jardim Verde	80%
	8. Espaço exterior da es	8.1 Gestão dos transportes/estacionamento 8.2 Limpeza e espaços verdes	80%
	9. Espaço interior da es	9.1 Limpeza e estado de conservação 9.2 Reciclagem: lixeira nos vários níveis 9.3 Energia: medidas de racionalização 9.4 Água: medidas de racionalização	80%
	10. Intervenção na comuni	10. Intervenção na comunidade	80%
	11. Gestão da escola	11.1 Programa é assumido? 11.2 Medidas de gestão sustentável implementadas	80%
	12. Envolvimento dos al	12.1 Os alunos conhecem o Programa? 12.2 Os alunos participam?	80%
Pontuação final da escola			80%



AVALIAÇÃO EXTERNA FEED-BACK



Em cada 3 anos: validação da
qualidade



Diploma para a escola
Diploma para o
professor
Painel escola (1ª visita)



169 escolas visitadas em 2013

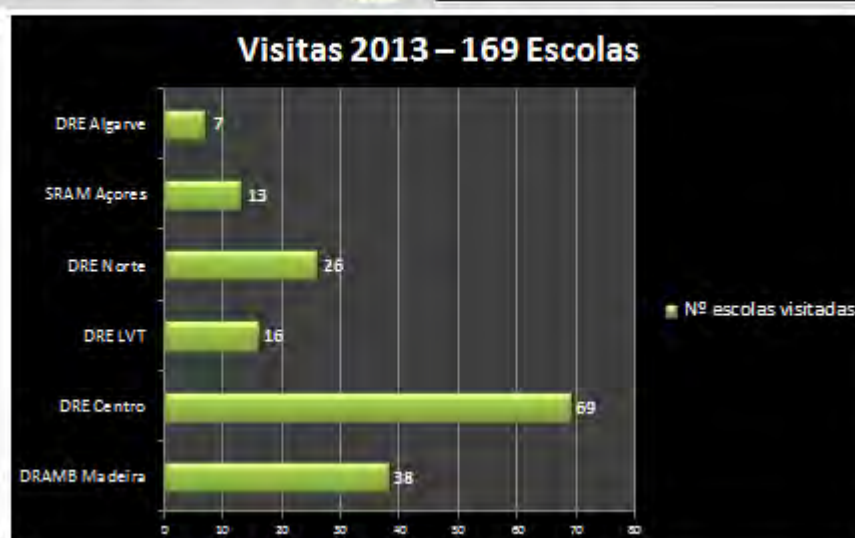
ELEVADA QUALIDADE (+ de 80% do índice de qualidade)- 52% das Eco-Escolas

EXCELENCIA (+ de 90% do índice de qualidade)- 10% das Eco-Escolas

AVALIAÇÃO EXTERNA RESULTADOS



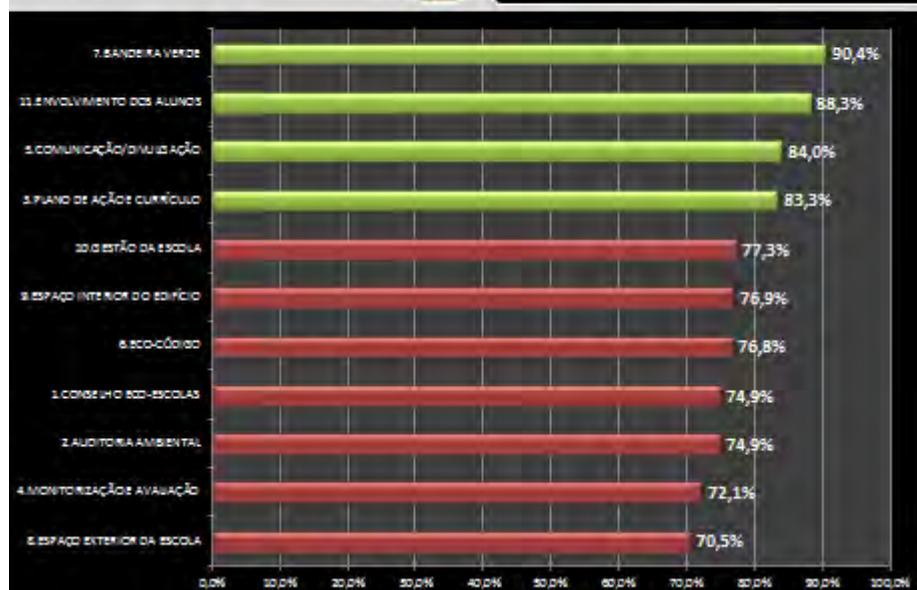
Visitas realizadas



AVALIAÇÃO EXTERNA RESULTADOS



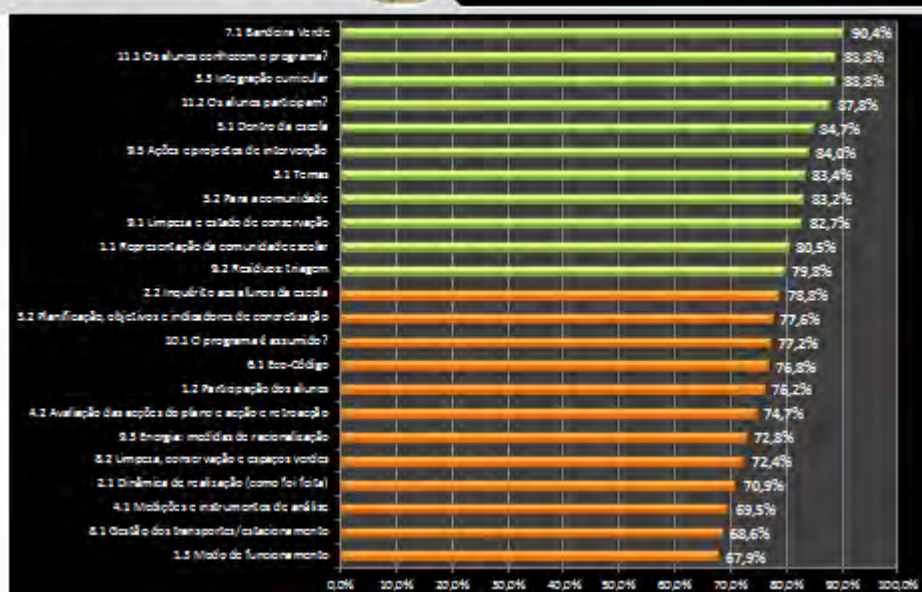
Avaliação por categoria



AVALIAÇÃO EXTERNA RESULTADOS



Avaliação por sub-categoria



AVALIAÇÃO EXTERNA RESULTADOS



Síntese

(categorias e subcategorias mais e menos pontuadas)

Acima de 80%

7.BANDEIRA VERDE
11.ENVOLVIMENTO DOS ALUNOS
5.COMUNICAÇÃO/DIVULGAÇÃO
3.PLANO DE AÇÃO E CURRÍCULO
10.GESTÃO DA ESCOLA
9.ESPAÇO INTERIOR DO EDIFÍCIO
6.ECO-CÓDIGO

7.1 Bandeira Verde
3.3 Integração curricular
11.1 Os alunos conhecem o programa?
11.2 Os alunos participam?
5.1 Dentro de escola
9.5 Ações e projectos de intervenção
3.1 Temas
5.2 Para a comunidade
9.1 Limpeza e estado de conservação
1.1 Representação da comunidade escolar
9.2 Resíduos: triagem

+

Abaixo de 80%

2.AUDITORIA AMBIENTAL
1.CONSELHO ECO-ESCOLAS
4.MONITORIZAÇÃO E AVALIAÇÃO
8.ESPAÇO EXTERIOR DA ESCOLA

2.2 Inquérito aos alunos da escola
3.2 Planificação, objetivos e indicadores de concretização
10.1 O programa é assumido?
6.1 Eco-Código
1.2 Participação dos alunos
4.2 Avaliação das ações do plano e ação e retroação
9.3 Energia: medidas de racionalização
8.2 Limpeza, conservação e espaços verdes
2.1 Dinâmica de realização (como foi feita)
4.1 Medições e instrumentos de análise
8.1 Gestão dos transportes/estacionamento
1.3 Modo de funcionamento
9.4 Água: medidas de racionalização (67,9%)

-

AVALIAÇÃO EXTERNA RESULTADOS



Síntese

Distribuição do índice de
qualidade nas escolas visitadas



*Dados 2014

54% das escolas visitadas apresentam índice de qualidade = ou >80%

Porque todos estamos sempre a avaliar.... e a ser avaliados

As Eco-Escolas vistas por outros:



**Obrigada
pela vossa atenção !**

Reportagem sobre Eco-Escolas realizada pelo Programa
Sociedade Civil da RTP2. In RTP2 - Sociedade Civil

Margarida Gomes
Associação Bandeira Azul da Europa
margaridagomes@abae.pt | 935373716

SESSÃO 3

A Avaliação de Impacto no contexto da ED

- Adélie Miguel Sierra, Universidade de Liege

- João Guerra, Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa

Moderador/a: Teresa Alvarez

- **ADÉLIE MIGUEL SIERRA**
UNIVERSIDADE DE LIÈGE



Entre O que eu penso,
 O que eu quero dizer,
 O que eu creio dizer,
 O que eu digo,
 O que você deseja ouvir,
 O que você crê ouvir,
 O que você ouve,
 O que você deseja entender,
 O que você crê entender,
 que você compreende...
 Há dez possibilidades que
 nós tenhamos dificuldades a
 nos comunicar.
 Mas tentemos mesmo assim

Between what I think,
 what I want to say,
 what I believe I say,
 what I say,
 what you want to hear,
 what you believe to hear,
 what you hear,
 what you want to understand,
 what you think you understand,
 what you understand...
 They are ten possibilities that
 we might have some problem
 communicating.
 But let's try anyway...

Bernard Werber, L'encyclopédie du savoir relatif et absolu

Questionnement de départ

- Quelle est la plus value de l'ED? Quelle est son utilité sociale? A quoi elle contribue?
 - rendre visible et lisible la spécificité de l'ED
- Comment mettre l'acteur au centre de la réflexion de l'ED?
 - Clarifier les changements recherchés auprès des acteurs sociaux
- Quelles démarches méthodologiques pour suivre et évaluer des changements avec l'ensemble de parties prenantes ?
 - produire des nouvelles connaissances sur l'action sociale

Quelle a été la démarche?

- La petite histoire : de « l'autoévaluation » à « l'impact »
- **Un enjeu principal** : ouvrir la boîte noire de l'impact de l'ED
- 3 objectifs:
 1. Recenser les ressources existantes
 2. Renforcer les capacités des acteurs de l'ED sur l'évaluation d'impact
 3. Produire des repères méthodologiques
- Au cœur du « **jardin d'expérimentation** »: un groupe de travail et une équipe d'animation

Actividades

1. Experimentación por cada estructura de una micro evaluación de impacto
2. Talleres intercambio de practicas
3. Talleres de reforzamiento de capacidades
4. Jornadas anuales pluri-actores



Spécificités de l'ED
à tenir en compte
dans l'appréciation
de l'impact

Spécificités de l'ED

- Elle agit essentiellement au niveau des acteurs

C'est un processus

- Non linéaire (rythme différents des personnes);
- Ne peut-être entièrement formalisé ni planifié au départ;
- Se traduit par des maturations individuelles mais ses effets sont à rechercher également dans les changements collectifs, structurels et sociétaux;
- Continu (ne commence pas et ne se termine pas avec les actions de porteurs de projets).



**Changement :
de quoi parlons -
nous?**

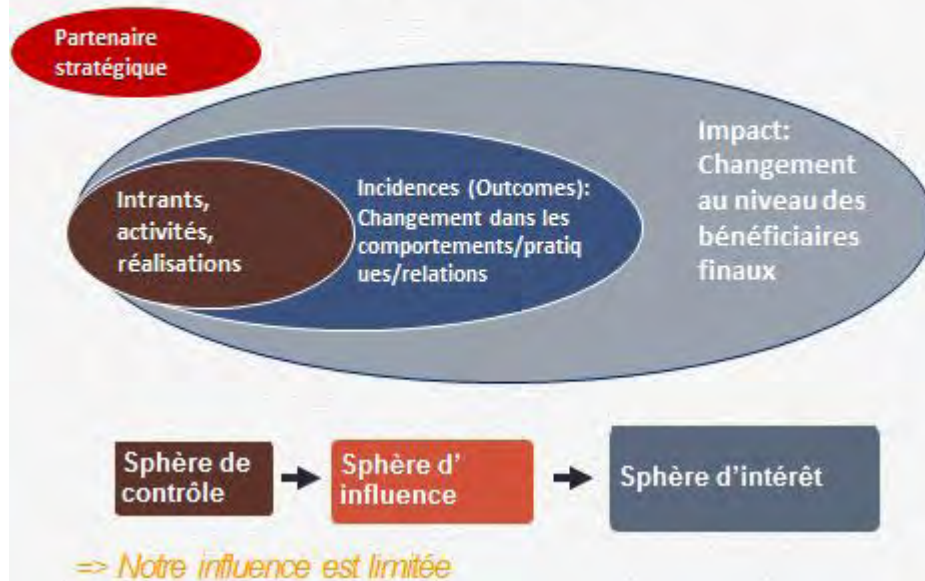
Quels types de changements?

- Une question de niveau (individuel, collectif, ...
sociétal)
- Des changements de nature différente
 - Représentations,
 - Attitudes
 - Aptitudes
 - Comportements
 - ...
- Dimension temporelle: immédiats, intermédiaires,
à long terme, ...

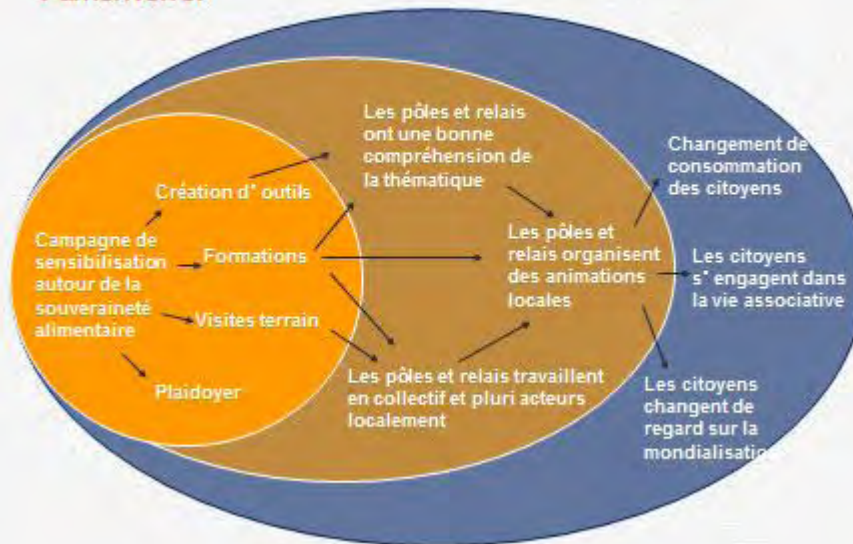
Différents types de changements



Changements auprès de qui?



Un exemple pour comprendre... avec la campagne AlimenTerre!



Résultats d'une actions d'ED:

Qu'est-ce que les gens ont appris, découvert, identifié ?

Effets :

Ce que les acteurs sociaux font avec ce qu'ils ont appris



IMPACT

Visions synthétique de l'ensemble des effets (attendus ou inattendus) au regard des changements recherchés



la mobilisation oblige le gouvernement espagnol à retirer la loi sur l'avortement

Exemple: niveaux de changements

Niveaux	
Évolution dans la société	Les associations de jeunes intègrent dans leurs missions les enjeux de l'ED
Compétences mises en oeuvre	Les étudiants ayant participé au WEF mènent des actions de sensibilisation en matière d'ED
Compétences acquises	Les étudiants sont dotés de nouvelles habilités pédagogiques en matière d'animation

Autres cadres de références

- **La cartographie des incidences**: S&E centré sur les incidences auprès des partenaires limitrophes et les apprentissages
- **L'approche de l'empowerment** : S&E à partir de la notion de pouvoir (individuel et collectif)
- **Les quatre dimensions du plaidoyer**: S&E d'impact des actions de plaidoyer
- ... qui facilitent le repérage de critères intéressants pour l'ED



Apprentissages

Apprentissages

- **Avoir une vision plus large du contexte**: on s'intéresse à pourquoi et comment les acteurs sociaux (individuels et collectifs) changent dans leur environnement complexe. **On élargit notre regard!**
- **Se fixer un cap à long terme avec des objectifs de changement** : cette étape est stratégique et nécessite l'adhésion de la direction et du CA. **C'est une étape qui donne du souffle à tout le monde!**
- **Suivre et évaluer notre contribution**: plutôt que de chercher à s'attribuer tel ou tel changement lié à notre action, on regarde si elle contribue aux changements recherchés et si finalement nous allons dans la bonne direction. **Au fur et à mesure, on apprend sur notre action et son contexte!**
- **L'implication des parties prenantes** : la participation des parties prenantes de l'action aux différentes étapes de la démarche est un élément fondamental. Travailler de manière isolée sur l'impact et les changements n'a pas de sens. **Il faut assumer une grande part de subjectivité!**
- **Donc approcher l'impact, oui c'est possible mais ...**

Disculpe, no se olvida de algo....?



“Si la evaluación sólo focaliza sobre los resultados y la rendición de cuentas, pierde la riqueza que nos ofrecen los enfoques interpretativos para comprender, desde la perspectiva de los actores, los procesos y los aprendizajes”

Tapella y Rodríguez B. (2014)

Temas de evaluación. Temas de la próxima conferencia de la ReLAC...
Súmate!

Otros pasos de F3E / Educasol:

Programa PRISMA: experimentación de metodologías innovadoras para la planificación, el seguimiento y la evaluación de procesos enfocados hacia el cambio social

- Investigación – acción con la participación de 30 organizaciones
- 15 proyectos durante 4 años (3 proyectos en ED)

Estudio transversal sobre la función de aprendizaje de las evaluaciones externas en el campo de la ED ? (*con el apoyo del DEEEP*) – *lazo con las practicas europeas*

Guía Garefoot 5 sobre el tema de la evaluación transformadora para el cambio social: *participación a la redacción*

Gracias!



- **JOÃO GUERRA**
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS DA UNIVERSIDADE DE LISBOA

Avaliação no Contexto da Educação para o Desenvolvimento
IV Jornadas de Educação para o Desenvolvimento
29 de abril de 2015

Fundação da Cidade de Lisboa – Sala A

Educação para um Desenvolvimento Sustentável

Historial, Tendências e Perspetivas

João Guerra – Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa
Joao.Guerra@ics.ulisboa.pt

Índice

1. Historial
 2. Tendências
 3. Perspetivas
-

1. Historial

Alvor (1971 – 1986)

- **CNA (Comissão Nacional do Ambiente)**
1971 – Série televisiva *Há Só Uma Terra*; livro *O Mundo é a Nossa Casa*;
1^{as} iniciativas de EA (José Correia da Cunha e João Evangelista)
- **Reforma educativa**
(1972-73) – ‘Meio Físico’ 1º Ciclo;
(1975-76) – Ciências do Ambiente e Educação Cívica
- **Serviço Nacional de Participação das Populações**
(1975) – J. Evangelista e Correia da Cunha;
Programa de formação a professores *O Homem e o Ambiente*
- **Manual de Educação Ambiental** (1983) J. Almeida Fernandes
Primeira década de EA (voluntarismo visionário)

Organização (1986 – 1996)

- 1986 – Adesão à CEE e reforço da EA nos curricula escolares
(Lei de Bases do Sistema Educativo)
- 1987 – INAMB (Instituto Nacional do Ambiente)
Promoção de ações no domínio da qualidade do ambiente, com especial ênfase na formação e informação dos cidadãos” (LBA n.º 11/87);
Boletim mensal EA (depois *Informar*)
ASPEA (I Jornadas Pedagógicas de EA, 1993); QUERCUS; GEOTA
- 1990 – 1º Encontro Nacional de EA (Parque Biológico de Gaia – criado em 1983);
- 1991 – INAMB protocolo com I.P. Juventude
- 1992 – V Programa de Ambiente Europeu; EA nos programas escolares
6ª conferência internacional de EA (Caretakers of the Environment)
ECO 92; 1^{as} Jornadas de EA das ONGA; ABAE em Portugal
- 1995 – Plano Nacional Política Ambiente – EA = “tarefa primordial”!!

“Paixão” (1996 – 2001)

- **Protocolo de Cooperação entre Ministérios do Ambiente, da Educação e do Trabalho (IPAMB-IIE-IEFP)**

promoção de EA nas escolas, com bolsa permanente de **professores destacados** para coordenar projectos de EA (22 em 1998; 11 em 2003)
Articulação ‘virtuosa’ interministerial

- **Reforma curricular**

Introdução das bases científicas do ambiente no E. Básico e no E. Secundário;
formação científica/pedagógica de professores em EA; Rede Nacional de Escolas EA; projetos EA...

- **Impulso/ maior disponibilização de recursos (verbas)**

Programa “Ciência Viva” (1996); Ecotecas (1997-98)...

- **IPAMB – três publicações periódicas**

Informar Ambiente, Revista do Ambiente e Cadernos de Educação Ambiental

Retração (2001 – 2015)

Extinções e fusões

Ministério do Ambiente

2001
• IPAMB extinto e fundido com DGA • IA – Instituto do Ambiente • Corte nos apoios à EA nas escolas; • Fim de publicações periódicas e da Mostra Nacional de Projetos EA; • Denúncia do Protocolo IEFP.

2007
• IA extinto • integra APA (2007) • Redução do núcleo de técnicos de EA • Redução do número de prof. destacados).

Ministério da Educação

2001-2002
• Reorganização curricular do E. Básico e do E. Secundário • Área de Projeto, • Estudo Acompanhado, • Formação Cívica • (tudo extinto com a RE de 2011).

2003
• Extinção do IIE . Instituto de Inovação Educacional • Competências transferidas para DGIDC; • Redução das ecotecas.

Retração e sobrevivência (2001 – 2015)

- **A nível internacional** – reforço da EA (VI Programa de Ambiente europeu, que reforça a inclusão da EA em todos os patamares do ensino) (2001); Conferência de Joanesburgo decide ENEDS; EEDS aprovada EU (2005); UNESCO lança DEDS (2005-2014) que quase todos os governos UE assumem
- Comissão Nacional da Unesco lança **DEDS** (2006), mas sem reconhecimento nacional oficial
- **A nível nacional** – sobrevivência da EA nas ONGA (Quercus, LPN, GEOTA, ABAE...); apoio de programas de fundações (e.g., Gulbenkian Ambiente, 2007-2012); apoio de empresas de RSU e de Água; apoio dos municípios e entidades associadas; expansão do programa Ciência Viva...

2. Tendências

Estudo EA/EDS I Aspectos negativos

Aspectos Negativos

- EA mais “vertical” do que “transversal”

tanto no espaço de incidência das iniciativas (muito restrito às escolas),
como nos tópicos predominantes (Resíduos S. Urbanos, Fauna e Flora)



“ambientalismo magro”

- **Parcerias** fracas e ‘paroquiais’; deficiente funcionamento em rede
- **‘Infantilização’**

Privilegiam o lúdico e o recreativo;

Grupos-alvos são sobretudo crianças

Jovens ‘pré-adultos’ secundarizados nos projetos de EA

Schmidt, Nave e Guerra (2010) Educação Ambiental - Balanço e Perspetivas para uma Agenda mais Sustentável

Estudo EA/EDS II Aspectos negativos

- **‘Setorialização’** do ambiente, sem abordagem dinâmica contemporânea que remeta para a transversalidade das suas relações com os campos económicos, social e político (perspectiva DS);
Carência das dimensões cívica e de consumo sustentável
- **‘Insustentabilidade’** de actividades e projectos, com dificuldades de mobilização dentro e fora da escola; excessiva mobilidade e sangria do corpo docente, entre outras discontinuidades
- **Barreiras interministeriais** – desarticulação
‘viciosa’ entre Ambiente e Educação

Schmidt, Nave e Guerra (2010) Educação Ambiental - Balanço e Perspetivas para uma Agenda mais Sustentável

Estudo EA/EDS III Aspectos positivos

- **Maior transversalidade** nos projectos entre escolas e outras entidades (rios, florestas...) e dos temas e problemáticas (energia, cidades, hortas....)
- **Alguns projectos ganharam dinâmica, autonomia e ‘marca’** (Eco-Escolas, Coast Watch, Jovens Repórteres para o Ambiente, etc.)
- **Alargamento das parcerias** (universidades, empresas, associações) e **das redes** nacionais e internacionais

Schmidt, Nave e Guerra (2010) Educação Ambiental - Balanço e Perspetivas para uma Agenda mais Sustentável

Estudo EA/EDS IV Aspectos positivos

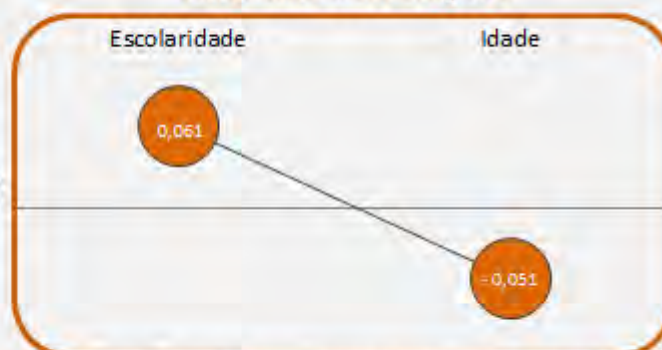
- **Entusiasmo e dedicação de muitos professores** (voluntarismo resistente)
- **Proliferação de iniciativas** (embora dispersas)
- **Reforço de inclusão dos jovens** (ciência participativa, articulação às universidades)
- **Impactos positivos**
na sensibilidade, conhecimento e predisposição para acção dos jovens
“os alunos aprendem coisas que nem sabem que aprenderam”
(Roland Barthes)

Schmidt, Nave e Guerra (2010) Educação Ambiental - Balanço e Perspetivas para uma Agenda mais Sustentável

Tendências: Adesão aos Novos Valores Ecológicos I

Quanto mais jovens e mais escolarizados maior a adesão aos Novos Valores Ecológicos

Valor das Correlações



Fonte: Schmidt & Guerra 2012 (Dados EVS 2008/2009)

Tendências: Adesão aos Novos Valores Ecológicos II

Alguns dos problemas ambientais mais graves segundo o grupo etário

	< 25 anos	25/34 anos	35/44 anos	45/54 anos	55/64 anos	65 ou mais	χ^2
Crescimento desordenado das cidades	5,10%	2,90%	3,20%	3,60%	1,90%	0,00%	11,362 p < 0,05
Escassez energética	9,60%	8,30%	7,40%	3,10%	3,10%	3,80%	15,147 p < 0,01
Excesso de produção de lixo	20,30%	14,60%	10,50%	14,70%	10,10%	11,10%	13,122 p < 0,05

Fonte: Schmidt & Guerra 2012 (Dados EVS 2008/2009)

Tendências: Adesão aos Novos Valores Ecológicos III

Em matéria ambiental são os jovens que mostram...

- **Maior nível de informação**
Índice de não resposta é invariavelmente mais baixo nos grupos mais jovens; índice de respostas certas idem
- **Maior nível de consciencialização**
Maior preocupação com a conservação da natureza, mar e ambiente
- **Maior disponibilidade para intervir nas decisões**
Maior mobilização e capacidade cívica para novas causas 'modernas'

Fonte: Schmidt & Guerra 2012 (Dados EVS 2008/2009)

3. Perspetivas

Bloqueios – Quatro dimensões cruciais

1. Descontinuidade das políticas oficiais

Área da EA/EDS em quebra e diluição

2. Desinvestimento no sistema educativo formal

Dentro da escola, EA/EDS perdeu força;

Desapareceram Áreas de Projecto e Formação Cívica

3. Desvalorização dos temas Ambiente e DS

Sobretudo no discurso político e mediático;

ONG (em especial as ONGA) com protagonismo em ‘stand by’

4. “Deseducação” extra-escolar

Por via do consumismo e dos seus estilos de vida.

Antídotos para os fatores de bloqueio

• Proatividade das escolas

Recorrendo aos diversos agentes locais, a universidades e a redes internacionais (glocalismo)

• ‘Difusão viral’ da EA na agenda política local

Se à escala nacional existe actualmente retracção dos valores do DS, à escala local tendem a ser reforçados um pouco por toda a EU (e.g., localismo sustentável; movimentos de transição...)

• Liderança e persistência

Bons exemplos mobilizadores / projetos -âncora com autonomia crescente (e.g., Eco-Escolas, Projecto Rios, Ciência Viva, Parque Biológico, Agenda 21 Escolar...)

Crise e Bem-Comum

- **Novas gerações em desconexão bipolar**
as gerações mais ligadas à natureza e ao ambiente são também as mais consumistas
- **Disponibilidade para a intervenção/participação cívica**
Tendem a diminuir, nas escolas, como na sociedade em geral
- **O curto prazo (escala doméstica e imediata)**
Sobrepõe-se às preocupações com o bem-comum
A urgência do imediato retira disponibilidade para compreender e relacionar a qualidade ambiental, com a qualidade social
- **O país ressentido dificilmente se organiza civicamente**
Pelo contrário, pode desforrar-se no espaço público/bem-comum.

Reptos para a EA/EDS I

- **Tornar a EA/EDS suficientemente consolidada**
 - Na sociedade civil, entre os jovens, professores e autarcas – para ser um processo irreversível, apesar do actual ciclo desfavorável.
- **Tornar o conhecimento crucial para o bem-comum**
 - Deve alcançar o conjunto diversificado de públicos, usando novas formas e fórmulas de divulgação.
- **Encontrar novas formas de envolvimento cívico**
 - Que passem por programas de requalificação do espaço público, revalorização dos quadros residenciais de proximidade, novos hábitos de recreio, novos negócios da economia verde e azul, e políticas de proximidade.

Reptos para a EA/EDS II

Transformar as escolas em 'laboratórios de sustentabilidade'

- **Internamente:**
 - Logística quotidiana (ambiente, energia, espaço público, alimentação...);
 - Tópicos científicos disciplinares (consumo sustentável, alterações climáticas, justiça ambiental, qualidade de vida, escassez ecológica, etc.)
- **Externamente:**
 - Envolvimento da comunidade escolar (das J. freguesia às universidades);
 - Ciência participativa (levantamento de dados locais com relevância nacional);
 - Cultura dos valores locais (naturais, paisagísticos e culturais)
 - Ligação em rede (articulação local-global;
 - Replicação dos bons exemplos.

Apresentação das recomendações vindas dos grupos

Questões apresentadas aos grupos para reflexão:

- 1) Avaliação de resultados de processos, projetos e ações de ED
- 2) Avaliação de impacto no contexto da ED
- 3) Avaliação da ENED

▪ **GRUPO DE TRABALHO 1**

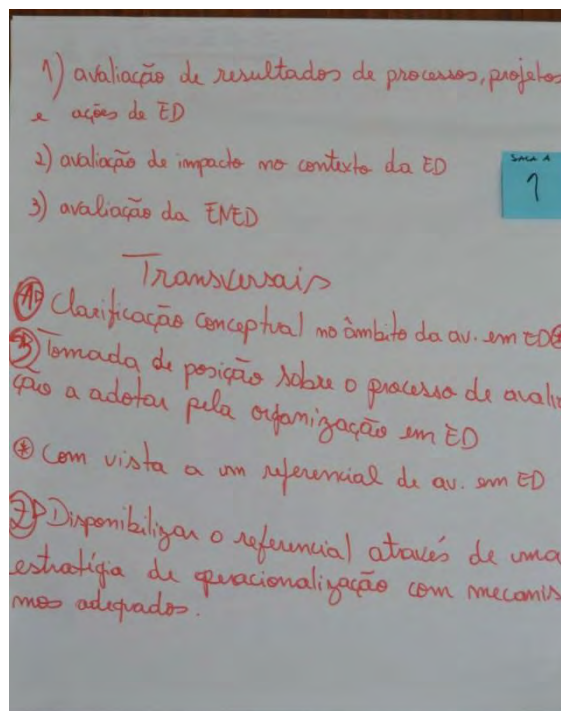
DINAMIZAÇÃO: RITA PAIS

- **Necessidade de clarificação concetual no âmbito da avaliação em ED, com vista a um referencial de avaliação de ED**
- **Disponibilização do referencial através de uma estratégia de operacionalização com mecanismos adequados**
- **Tomada de posição sobre o processo de avaliação a adotar pela organização**

O grupo começou por discutir a questão do conceito de avaliação, tendo-se percebido, rapidamente, que este conceito é aberto a diversas interpretações. O uso exclusivo dos modelos de avaliação de impacto usados, por exemplo, no âmbito da Cooperação, pareceu ao grupo muito redutor, considerando-se que a ED é merecedora de uma avaliação própria, pensada e criada de forma endógena e enriquecida por um cariz qualitativo. As recomendações foram construídas, portanto, de forma transversal para cada uma das questões apontadas para a reflexão.

Contudo, o grupo considerou que esta clarificação conceptual não deverá limitar-se a si mesma, ficando “na gaveta”, mas deverá constituir um exercício participativo, aprofundado, contínuo e disponibilizado o seu resultado, em formato de referencial, a todos, através de mecanismos coerentes com o seu carácter.

Uma vez constituído e disponibilizado o referencial, cada organização deverá tomar uma posição clara relativamente ao processo de avaliação adotado.



▪ **GRUPO DE TRABALHO 2**
DINAMIZAÇÃO: VERA PINTO

- **Avaliação ser parte integrante de um processo de ED (processo de aprendizagem e não apenas para prestação de contas):**
 - capacitação das equipas (internas e externas)
 - partilha a outras entidades

Na perspetiva do grupo, a avaliação deve ser concebida e implementada enquanto processo ativo de aprendizagem (ao nível da leitura crítica sobre os contextos e sobre os modelos de atuação) para todas as partes envolvidas, promovendo-se a capacitação das equipas (internas e externas). Este processo deve ser alargado a outras entidades interessadas através da partilha de experiências e resultados, promovendo-se a aprendizagem conjunta e a melhoria contínua.

- **Avaliação como abordagem complexa:**
 - exige abordagens diversas
 - adequação ao contexto

O grupo defende que a avaliação deve ser entendida como uma abordagem complexa, assente na multiplicidade de características e especificidades de cada contexto de intervenção. Neste sentido, a avaliação exige diversos modelos de intervenção, adequados a cada contexto, pelo que deve fazer-se uma análise crítica às abordagens que defendam metodologias e/ou ferramentas estandardizadas.

- **Trabalho colaborativo na implementação de avaliações conjuntas:**
 - por temas...

- espaço geográfico...
- diversos atores...

Os diferentes atores de ED deveriam criar sinergias no domínio da avaliação, promovendo a implementação de avaliações conjuntas, num trabalho colaborativo que pode vir a organizar-se por tema (domínio de intervenção), por espaço geográfico ou numa perspectiva multistakeholder.

Ações ED (Reflexões do G12)

1) - o papel do avaliador desde o início do projeto

- avaliações mistas
- avaliações internas e externas
- Avais avaliações
- * Conhecer os conceitos no domínio de avaliações

IMPACTO

2) - Definir desde o início o que é que se vai avaliar

- Avaliar processos e não só resultados
- Evidências tangíveis dos resultados alcançados
- noção de evoluções e bem-estar
- objetividade na avaliação?

ENVEL

3) - Teoria da mudança...

- Avaliações desde o início
- Avaliações pluridisciplinares
- * /que modelos de avaliações existem?

① Avaliação ser parte integrante de um processo de ED:

- capacitação das equipas ^{internas}
- parcerias e outras entidades

↳ processo de aprendizagem e não apenas prestação de contas

② Avaliação como abordagem complexa:

- exige abordagens diversas
- adequação ao contexto

③ Trabalho colaborativo na implementação de avaliações conjuntas (por temas...)

- espaço geográfico...
- diferentes atores...

▪ **GRUPO DE TRABALHO 3**
DINAMIZAÇÃO: CÁRMEN MACIEL

Chuva de ideias

- **Informações sobre ONGD disponíveis – núcleo (resultados de projetos, atividades de ONGD e IP)**
 - Com este ponto os participantes sugeriram a criação de uma plataforma online onde se apresentassem os resultados de projetos e atividades das ONGD e das Instituições Públicas no âmbito da ED e da Cidadania Global. A ideia seria ter uma grande base de dados, disponível para o vasto público (técnicos, investigadores, jornalistas, etc...).
- **Indicadores comuns/resultados disponíveis (ONG+entidades públicas) – maior partilha**
- **Transferibilidade de conhecimentos sobre projetos realizados**
 - Nestes 2 pontos, intimamente ligados ao anterior, expressa a necessidade de existência de uma listagem de indicadores utilizados nos mais diversos projetos – como base de consulta e/ou orientação para a elaboração de atividades mais assertivas. A partilha de resultados – relacionados com indicadores testados – seria uma mais-valia para todos os que trabalham na área.
- **Avaliação serve a melhoria de projetos – aprendizagem**
- **Caráter estrutural da avaliação nos projetos e na ação**
- **Avaliação de curto, médio e longo prazo**
 - Discutiu-se a necessidade de criar ações / momentos em que se seja possível desconstruir a conotação negativa atribuída à avaliação. Defendeu-se, no grupo de trabalho, que será necessário “combater” a ideia de que a avaliação serve sobretudo propósitos de crítica negativa – sendo necessária a promoção de formação que enfatize a importância da avaliação como processo de aprendizagem e de evolução, e do avaliador como “critical friend”.
- **Quantitativo/ Qualitativo**
 - Ainda no âmbito da discussão sobre avaliação, discutiu-se a necessidade de ir além das avaliações quantitativas nos relatórios solicitados pelas instituições públicas. Há muitos projetos / ações em que a avaliação qualitativa é tão ou mais importante e relevante do que a quantitativa. Deve haver um balanço na requisição destes elementos.
- **Avaliação “para dentro”**
 - Ainda no âmbito da discussão sobre avaliação, discutiu-se a necessidade de se implementar práticas de avaliação no seio da própria instituição, e, por outro lado, de se pegar nos relatórios de avaliação para crescimento interno.
- **Impacto ≠ Resultados**
 - Ainda no âmbito da discussão sobre avaliação, discutiu-se a necessidade de se clarificar o que é uma avaliação de impacto daquilo que é uma avaliação de resultados (*outcomes*). Ficou no ar a pergunta: será que existe em Portugal, no

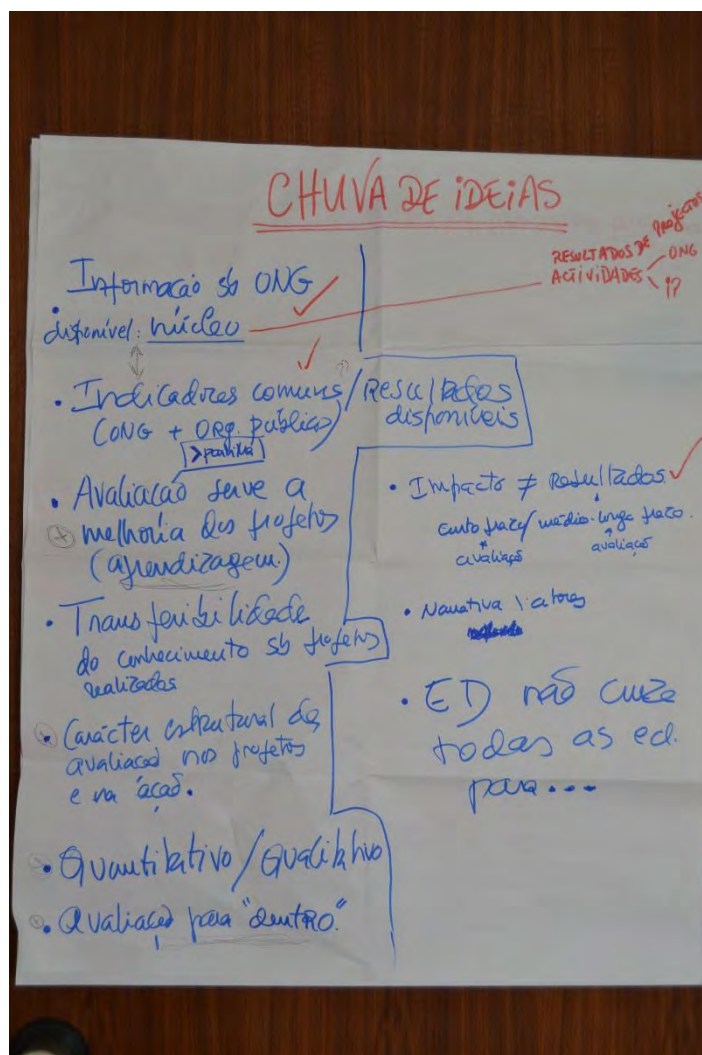
domínio da ED, avaliação de impacto? Ou, tudo o que se tem feito é maioritariamente uma avaliação de resultados?

- **Narrativa/ Atores**

- Com este ponto, a ideia seria a de recomendar que se desse, doravante, maior ênfase à construção de narrativas que expliquem e exemplifiquem, em termos práticos, o que se faz em ED. Considerou-se que já há alguns anos e experiência considerável, em Portugal, de modo a que se possa fazer uma espécie de estado de arte no campo da Educação para o Desenvolvimento.
- Com a ideia dos atores – seria a de dar maior atenção e condições ao trabalho a todos os técnicos que se dedicam quotidianamente à ED.

- **A ED não cruza todas as “Educações para...”**

- Este último ponto não foi muito consensual, mas acabou por se incluir nas recomendações na medida em que o grupo considerou que seria pertinente maior reflexão sobre se a noção de Educação para o Desenvolvimento será, atualmente, a que melhor designa as mais diversas ações/projetos neste domínio.



- **GRUPO DE TRABALHO 4**
DINAMIZAÇÃO: JOÃO AZEVEDO

1 - Avaliação participativa para crescer

2 - Verdadeiras avaliações internas

3 - Aplicar lições das avaliações

4 - Coisas para “inglês ver”

Estes quatro primeiros pontos aparecem agrupados pois têm o mesmo sentido/lógica. Abordou-se a necessidade de as avaliações serem encaradas não como algo “inquisitório” por nenhuma das partes envolvidas, mas como uma oportunidade de aprendizagem e de melhorar não apenas as intervenções mas também as práticas internas (1 e 2).

Esta questão a que se referem os pontos 1 e 2, não é tanto uma questão que se resolva unicamente através a introdução de normas, mas parte de uma predisposição por parte dos intervenientes.

O encarar de um processo de avaliação como uma oportunidade de aprendizagem e melhoramento, implica também que as aprendizagens das avaliações das avaliações sejam verdadeiramente introduzidas e aplicadas.

Esta perspetiva vai contra uma lógica de realizar avaliações para “satisfazer” chefias, lideranças políticas, financiadores, público em geral e baseadas unicamente no cronograma de atividades de um projeto, mas que efetivamente abordem todo um processo (esta discussão foi acerca do ponto 4).

5 - Não serem pontuais

6 - Avaliações posteriores

Nestes pontos discutiu-se a necessidade de as avaliações serem um processo contínuo, não apenas no final dos projetos/ações/intervenções, mas ao longo destes de modo a poder realizar correções consoante as realidades.

Falou-se da necessidade de realizar avaliações posteriores a estas. Isto por se considerar que avaliar impactos no campo da Educação para o Desenvolvimento e de comportamentos por parte dos cidadãos que participaram em ações/projetos de ED não é possível durante o tempo de duração de um projeto, nem aquando do seu término. Muitas vezes serem impactos que só podem ser medidos a longo prazo.

7 - Não ser só avaliadores profissionais

8 - Avaliações entre pares

Nestes dois pontos falou-se da possibilidade de as avaliações poderem ser também conduzidas entre as próprias organizações, aproveitando a experiência das diferentes organizações na área da ED. Em processos tipo *peer review*, que possam servir também para haver um processo de aprendizagem mútua entre organizações.

9 - Ter um conhecimento base inicial

Discutiu-se que para se poder realizar uma avaliação de impacto e mudanças de comportamentos é necessário ter um conhecimento inicial da realidade que se quer mudar, para se poder ter um termo de comparação aquando dos diferentes processos de avaliação. Isto implicaria o incentivar de estudos de diagnóstico/baseline sobre os públicos-alvo no início dos projetos/ações/intervenções.

10 – Avaliar a 3 dimensões

11 - Qualitativo e quantitativo

Aqui abordou-se a necessidade de os processos de avaliação terem em conta uma perspetiva não apenas quantitativa (de atividades realizadas, participantes nas atividades e execução orçamental), mas também qualitativa do processo em si e da gestão das atividades/projeto, organização das mesmas, adaptação a situações imprevistas quando estas acontecerem.

11- Termos de referência

12 - Estabilidade

13 - Flexibilidade

Nestes pontos falou-se da necessidade de os processos de avaliação terem pontos de partida claros, desde o início, e ter critérios definidos sobre quais as questões a serem avaliadas num processo/ação/projeto. Discutiu-se a necessidade de haver estabilidade nos pontos de avaliação e nas linhas de ação (isto é, em grande parte, garantido pela ENED), mas que deverá haver sempre alguma flexibilidade e capacidade de adaptação nestes pontos de partida de modo a existir capacidade de adaptação a situações novas.

1 - Avaliação resultados de processos
projectos e acções ED

2 - Avaliação impacto no contexto ED

3 - Avaliação da ENED

4

- Avaliação Participativa, para crescer
- Verdadeiras Avaliações Internas
- COISAS para Inglês ver
- Aplicar lições das avaliações
- Não serem pontuais
- Avaliar as 3 dimensões
- Qualitativo e quantitativo
- TER um conhecimento Base inicial
- TERMOS de referência
- Não ser só avaliadores profissionais
- Avaliações entre pares
 - " posteriores
- ESTABILIDADE
- flexibilidade

Sessão de encerramento

- **ANA PAULA LABORINHO,**
PRESIDENTE DO CONSELHO DIRETIVO DO CAMÕES – INSTITUTO DA COOPERAÇÃO E DA LÍNGUA, I.P.

Boa tarde³.

Em nome Camões – Instituto da Cooperação e da Língua e enquanto membro Comissão de Acompanhamento da Estratégia Nacional de Educação para o Desenvolvimento, quero começar por saudar o trabalho dos membros da Comissão Organizadora e a adesão entusiasta de todos os oradores, moderadores e participantes.

Muito em particular, gostaria de deixar uma palavra de apreço aos membros da Comissão Organizadora destas Jornadas: a Agência Portuguesa do Ambiente, a Comissão para a Cidadania e Igualdade de Género, a Plataforma Portuguesa das ONGD e o CIDAC.

Gostaria também de registar a relevância das Jornadas de ED, no quadro da execução do Plano de Ação da Estratégia, realçando a nossa crescente capacidade de resposta à tarefa de aprofundarmos questões conceptuais, temáticas ou metodológicas pertinentes.

Com efeito, a escolha da temática desta 4.ª edição das Jornadas de ED, “A Avaliação no contexto da Educação para o Desenvolvimento (ED)”, corresponde a uma atenção internacional, cada vez maior, às questões da avaliação e da qualidade e a uma necessidade real dos atores e promotores de ED em Portugal.

³ Este texto não corresponde inteiramente à intervenção oral, tendo antes se constituído como um suporte de partida para a mesma.

Incumbe-nos refletir sobre os princípios, metodologias e experiências que devem informar a avaliação de ações, projetos, programas, estratégias e políticas no domínio da ED. E, muito em especial, incumbe-nos procurar responder a duas questões cruciais:

- Que resultados, impactos ou mudanças ambicionamos mapear?
- E o que fazer com eles?

É bom lembrar que nos encontramos no ano da avaliação final da Estratégia Nacional de ED, cuja vigência termina em 2015. E que a própria Estratégia portuguesa e o seu Plano de Ação preveem um processo de avaliação externa, com dois grandes objetivos: a prestação de contas e a aprendizagem.

Neste quadro, é útil recordar a recente *revisão pelos pares* do GENE – Global Education Network Europe à ED em Portugal, apresentada, no Fórum ED, no Parlamento, em outubro de 2014.

Uma das 15 recomendações do GENE diz o seguinte:

“Um dos pontos fortes da Estratégia Nacional Portuguesa é a sua ênfase, desde o princípio, nas questões de acompanhamento, avaliação, investigação e da correspondente aprendizagem em termos de construção de políticas públicas. Isto deveria ser apreciado e partilhado com os outros países envolvidos na elaboração de estratégias nacionais. É também importante que esta prática de acompanhamento, avaliação e melhoria contínua seja integrada em todos os processos de Educação para o Desenvolvimento e de Educação Global, a nível micro, meso e macro”

Assim sendo, no domínio da ED, seja no quadro de ações, projetos, programas ou estratégias, seja no quadro das políticas públicas, é indispensável caminharmos no sentido de uma abordagem integrada e sistemática da avaliação.

No que toca à avaliação da Estratégia de ED, em linha com os processos de elaboração, execução e acompanhamento, afigura-se fundamental imprimir-lhe um carácter participativo, envolvendo as entidades subscritoras do Plano de Ação da ENED e os principais atores e promotores de ED.

É ainda essencial ter em atenção as lições aprendidas com as experiências de outros países – um dos propósitos destas Jornadas.

Finalmente, é necessário ter presente que a aprendizagem e o conhecimento adquiridos com a avaliação se devem inscrever num processo de melhoria contínua, que visa “alimentar as Estratégias que se seguem”.

Cabe-nos agora definir os termos de referência da avaliação e acautelar a continuidade da Estratégia, considerando as duas questões identificadas, a saber:

- Para que resultados, impactos e transformações *contribuímos*?
- Como *aprender* e o que fazer com eles?

Para terminar:

Gostaria de lembrar que, neste ano de 2015, para além da aprovação de uma nova Agenda de Desenvolvimento Global, estamos a celebrar o Ano Europeu para o Desenvolvimento, que constitui uma oportunidade única para reforçarmos o trabalho feito em ED e para repensarmos o trabalho futuro.

Porque, na verdade, a Estratégia Nacional de Educação para o Desenvolvimento, tal como a celebração do Ano Europeu para o Desenvolvimento, constituem desideratos nacionais, que estão muito para além do Estado.

Muito obrigado pela atenção.

- **PEDRO CUNHA**
SUB-DIRETOR-GERAL DA DIREÇÃO-GERAL DA EDUCAÇÃO

Exma. Senhora Presidente do Camões – Instituto da Cooperação e da Língua⁴

Exmos./as Senhores/as representantes da Plataforma Portuguesa das ONGD

Exmos./as Senhores/as representantes da Agência Portuguesa do Ambiente

Exmos./as Senhores/as oradores/as

Caros e caras participantes

Em nome da Direção-Geral da Educação, gostaria de agradecer à comissão organizadora das IV Jornadas de Educação para o Desenvolvimento o convite que me foi dirigido para participar

⁴ Este texto não corresponde inteiramente à intervenção oral, tendo antes se constituído como um suporte de partida para a mesma.

nesta sessão de encerramento. Gostaria de expressar também o meu apreço à Fundação Cidade de Lisboa pela disponibilização deste espaço tão acolhedor e aprazível.

Situando-nos no último ano do horizonte temporal para o qual a Estratégia Nacional de Educação para o Desenvolvimento (ENED, 2010-2015) foi concebida, é chegado o momento de aprofundar a reflexão conjunta sobre o trabalho realizado, no sentido de abrir perspectivas para a ação futura. Julgo, por isso, que o tema destas IV Jornadas de Educação para o Desenvolvimento, 'A Avaliação no contexto da Educação para o Desenvolvimento', se afigura muito oportuno e relevante.

A realização das presentes Jornadas evidencia uma colaboração profícua entre as entidades da Comissão de Acompanhamento da ENED e também de outras entidades que se empenharam ativamente na organização desta atividade transversal de dinamização da Estratégia. De facto, a implementação da Estratégia Nacional de Educação para o Desenvolvimento tem-se traduzido, ao longo dos anos, num processo de crescente parceria, que faz dela uma construção participada.

Esta construção participada é hoje visível no empenho ativo de diferentes entidades públicas e da sociedade civil, nomeadamente dos parceiros aqui presentes que, em 2010, subscreveram o Plano de Ação da ENED.

A ENED tem sido reconhecida, a nível nacional e internacional, como uma boa prática, nomeadamente por ser amplamente participada. Outra das características que tem conduzido a que a ENED seja nacional e internacionalmente reconhecida como boa prática é o facto de incluir uma componente de monitorização e avaliação que lhe imprimem um caráter constante de melhoramento e de progressão. Tal pode ser exemplificado através de todo o trabalho de planificação anual e de relatórios de acompanhamento, reunindo dados da ação de uma vasta gama de atores da Educação para o Desenvolvimento. Acresce referir também o Relatório de *peer review* do GENE (Rede Europeia de Educação Global) lançado no Fórum de Educação para o Desenvolvimento, em outubro do ano transato, nomeadamente pelas recomendações que aponta para a continuidade da ação em Educação para o Desenvolvimento, em Portugal.

A DGE/MEC congratula-se por integrar a Comissão de Acompanhamento da ENED, a par com o Camões – Instituto da Cooperação e da Língua, o Centro de Intervenção para o Desenvolvimento Amílcar Cabral (CIDAC) e a Plataforma Portuguesa das Organizações Não-Governamentais para o Desenvolvimento. Julgo ser de reconhecer que continuamos a dar

passos em frente, num percurso conjunto que congrega, cada vez mais, as restantes entidades subscritoras do Plano de Ação da ENED.

A ação da DGE/MEC no domínio da Educação para o Desenvolvimento relaciona-se com o de outras áreas temáticas da educação para a cidadania, nomeadamente a Educação para os Direitos Humanos, a Educação para a Segurança, a Defesa e a Paz, a Educação para a Igualdade de Género, a Educação Intercultural, a Educação Ambiental e para a Sustentabilidade. O intenso labor que na DGE vem sendo desenvolvido em 15 áreas temáticas da educação para a cidadania tem tido por base inúmeras parcerias com entidades públicas e com organizações da sociedade civil, algumas delas aqui presentes. Tais parcerias são visíveis na produção de Referenciais de Educação em diversas áreas temáticas, na promoção de formação contínua de docentes, assim como na implementação de projetos educativos. No caso particular de Educação para o Desenvolvimento, a parceria para a construção do respetivo Referencial, consubstanciada no Contrato Programa com o Camões - Instituto da Cooperação e da Língua, o CIDAC e a Fundação Gonçalo da Silveira, está prestes a dar frutos, uma vez que este Referencial se aproxima da fase de conclusão e espera-se que seja aprovado e divulgado no presente ano.

Questionar o futuro da Educação para o Desenvolvimento – num mundo em que os conflitos e a violência reemergem com novos e velhos contornos que lançam ameaças à democracia e ao processo permanente de construção da paz – é também interrogar a natureza do desenvolvimento que se quer construir. Um desenvolvimento mais justo, mais equitativo e sustentável, para o qual acreditamos que a educação tem um papel crucial. Uma vida condigna para todas pessoas passa cada vez mais pelo acesso à educação, pela educação de qualidade para todos, como direito humano estruturante.

Estas Jornadas assumem-se como contributo fundamental para o debate sobre a avaliação no contexto de ED e, consequentemente, sobre o que se venha a desenhar relativamente à avaliação final da ENED. Dar oportunidade aos atores interessados de contribuir para o processo de avaliação externa da ENED, desde a sua conceção, é abrir portas para que tal avaliação se possa configurar como processo de aprendizagem. Realço a metodologia utilizada nestas Jornadas, que conciliou as intervenções dos ilustres oradores convidados com o trabalho de grupo, fomentando o diálogo, a reflexão e a construção partilhada do conhecimento com vista à ação futura.

Gostaria também de frisar um outro objetivo destas Jornadas que se prende com a relevância de integrar uma cultura de avaliação nos processos de trabalho das organizações. Só assim, creio, a avaliação se poderá estabelecer verdadeiramente como interface entre processos e resultados e como garantia de qualidade desses mesmos processos e resultados.

O trabalho hoje aqui concretizado reforça a expectativa de que a avaliação da ENED venha a fornecer elementos para a ponderação sobre o seu futuro e possa aferir da relevância e sustentabilidade da Educação para o Desenvolvimento.

Sendo a Educação para o Desenvolvimento uma realidade no terreno, através da ação de múltiplos atores, em diversos contextos, só posso desejar que o seu futuro se consubstancie na continuidade, como um novo ciclo, com novos desafios.

Para terminar, manifesto um agradecimento especial às pessoas que se empenharam na organização destas Jornadas e, a todos os presentes, muito obrigado pela vossa participação.

Avaliação

Foram recolhidas **28 avaliações**, num universo de 58 participantes. Algumas das pessoas que entregaram as suas avaliações assinalaram que só estiveram na parte da manhã ou na parte da tarde.

Recordam-se os objetivos enunciados para as IV Jornadas:

- Reconhecer e compreender a avaliação das intervenções em ED como processo de aprendizagem
- Debater as potencialidades, os limites e as condições necessárias para a realização de avaliações de impacto no contexto da ED
- Contribuir para a integração de uma cultura de Avaliação nos processos de trabalho das organizações
- Contribuir para o processo de avaliação externa da Estratégia Nacional de Educação para o Desenvolvimento (ENED).

AVALIAÇÃO FINAL

(5 – o máximo; 1 – o mínimo)

1. Penso que os objetivos das Jornadas foram cumpridos (de 1 a 5)

Sem valoração: 1 avaliação

Valoração de 3: 6 avaliações

Justificações:

- Penso que ficaram por cumprir os objetivos, tentou-se, e em algumas apresentações foram abordadas perspetivas relevantes para a avaliação no contexto da ED. Mas na sua maioria não foi alcançado o desejo de nestas Jornadas a avaliação de impacto ser efetivamente trabalhada.
- A meu ver seria importante referir o papel dos parceiros sociais como agentes de comunicação face à sociedade.
- Menos discussão sobre os impactos e efeitos; muita concentração sobre avaliação como justificação; o que aprendemos e mudamos menos visível. (Não participei na parte da tarde).
- Mais sessões práticas.
- Só participei na sessão da manhã. Considero que as apresentações foram interessantes, mas que apenas duas focaram instrumentos, métodos e razões de avaliação.

- Tempo reduzido.

Valoração de 4: 13 avaliações

Justificações:

- Houve, de facto, uma centralização na avaliação.
- Contribuiu para colocar em cima da mesa alguns pontos importantes. Não terá sido suficiente (naturalmente) para clarificar todas as diferenças em presença... Não se falou de ENED.
- As recomendações: adequadas e úteis. Tempo insuficiente.
- Faltaram mais exemplos ED concretos.
- Constrangimento ao nível do tempo colocou um pouco em causa os objetivos das Jornadas. Menos oradores com mais tempo para intervirem é essencial. Da mesma forma, a sessão dos “grupos de trabalho”, embora bastante útil, ficou aquém das expectativas face ao reduzido espaço de tempo para refletir.
- A ideia de pensar a avaliação em ED como processo de aprendizagem foi bem discutida e apropriada. Penso que foi sempre refletida, ainda que nas entrelinhas, uma cultura de avaliação nos processos de trabalho das diferentes organizações.
- Creio que foi realizada uma reflexão importante sobre a necessidade de clarificar conceitos e metodologias em avaliação em ED. O primeiro passo foi dado.
- A diversidade das “matrizes” de cada um e o pouco tempo dificultaram ir mais além / ser mais concretos.

Valoração de 5: 8 avaliações

Justificações:

- Permitiram refletir sobre processos de avaliação, reconhecendo o papel da avaliação como momento de aprendizagem. Permitiram troca de boas práticas e discussão dos limites que existem à avaliação.
- Do que pude participar pareceu-me um encontro bastante útil de onde vão surgir boas práticas nas ONGD participantes.
- 1) Boas apresentações sobre metodologias de avaliação (extensiva e intensiva); 2) Bons exemplos relacionados com avaliação de projetos.
- As Jornadas foram muito úteis para melhor perceber as opções possíveis a tomar para avançar na criação de uma cultura de avaliação e na avaliação da ENED.
- Reflexão; convite a atuar de forma mais estruturada, eficiente.

2. Em relação ao programa, apreciei as diferentes partes da seguinte maneira (de 1 a 5):

Sessão 1 “A Avaliação em ED como processo de aprendizagem”

Sem valoração: 4 avaliações

Valoração de **2**: 1 avaliação

Valoração de **3**: 4 avaliações

Valoração de **4**: 12 avaliações

Valoração de **5**: 7 avaliações

Sessão 2 “A avaliação na prática: Apresentação e reflexão sobre experiências concretas no quadro de processos, projetos e ações”

Sem valoração: 3 avaliações

Valoração de **3**: 5 avaliações

Valoração de **4**: 11 avaliações

Valoração de **5**: 9 avaliações

Sessão 3 “A Avaliação de impacto no contexto de várias «Educações para...»”

Sem valoração: 4 avaliações

Valoração de **3**: 12 avaliações

Valoração de **4**: 9 avaliações

Valoração de **5**: 3 avaliações

Sessão 4 “Grupos de trabalho”

Sem valoração: 7 avaliações

Valoração de **2**: 3 avaliações

Valoração de **3**: 5 avaliações

Valoração de **4**: 6 avaliações

Valoração de **5**: 7 avaliações

Apresentação das conclusões

Sem valoração: 7 avaliações

Valoração de **3**: 3 avaliações

Valoração de **4**: 12 avaliações

Valoração de **5**: 6 avaliações

Debates em plenário

Sem valoração: 7 avaliações

Valoração de **2**: 3 avaliações

Valoração de **3**: 8 avaliações

Valoração de **4**: 9 avaliações

Valoração de **5**: 1 avaliação

Justificações:

- Na sessão 1 apenas o 1º orador fez uma reflexão sobre o processo de avaliação. Na 2ª sessão apenas a Ana se focou mais nas necessidades [de] métodos de avaliação.
- As sessões da manhã foram muito interessantes, com elementos de reflexão para levar para casa. Pouco debate e com tendência para fugir do tema.
- Destacaria sobretudo as intervenções efetuadas por Jan van Ongevalle, assim como de Adélie Miguel Sierra. Teria sido bastante útil e interessante se estas intervenções pudessem ter sido bastante mais longas. A apreensão das questões é incompatível com apresentações “rápidas” e demasiado sucintas.
- Alguma dispersão nos debates em plenário. Comunicações mais focadas.
- 1) Gostei da sessão 1 e dos seus oradores – necessitavam de mais tempo para aprofundamento; 2) Gostei da sessão 2 porque foi reveladora de práticas; 3) Creio que a 2ª apresentação da sessão 3 não respondeu aos objetivos, focando-se nos resultados do estudo e não no processo. Adorei a 1ª. 4) Teve pouco tempo, como já é habitual. 5) Apresentação das conclusões – enriquecedor. 6) Debates em plenário – raramente foram úteis pois prenderam-se mais com agendas pessoais do que com o conteúdo e os objetivos da sessão.
- Apenas consegui avaliar as sessões onde estive presente, uma vez que estudo e só me foi possível participar pouco tempo.
- Correu tudo muito bem. As únicas limitações a registar têm que ver com a gestão do tempo nos grupos de trabalho e nos debates, e com a dificuldade de de “capturar” o conceito de impacto.
- Todas fonte de aprendizagem.

3. Para a entidade à qual estou ligado/a, classifico assim a utilidade (de 1 a 5):

dos conteúdos, em especial:

Sem valoração: 5 avaliações

Valoração de **2**: 1 avaliação

Valoração de **3**: 2 avaliações

Valoração de **4**: 12 avaliações

Valoração de **5**: 8 avaliações

Notas

- os conteúdos não foram previamente partilhados e a informação contextual das Jornadas chegou na véspera.
- avaliação interna; avaliação como processo de aprendizagem.
- novas perspetivas de trabalho na área da avaliação.
- a avaliação enquanto processo estruturante de um projeto.

das metodologias, em especial:

Sem valoração: 5 avaliações
 Valoração de **1**: 1 avaliação
 Valoração de **2**: 1 avaliação
 Valoração de **3**: 5 avaliações
 Valoração de **4**: 10 avaliações
 Valoração de **5**: 6 avaliações

Notas

- outcome mappings; “avaliador crítico”; instrumentos vários e a partir de diferentes abordagens.

da partilha de experiências e ideias, em especial:

Sem valoração: 4 avaliações
 Valoração de **3**: 4 avaliações
 Valoração de **4**: 13 avaliações
 Valoração de **5**: 7 avaliações

Notas

- melhor conhecimento das reflexões em Portugal.
- mais uma vez, colocar demasiados oradores retira as possibilidades de debate.
- no painel 2 e nos grupos de trabalho.
- partilha de ferramentas utilizadas para a monitorização e avaliação.

dos contactos e do convívio, em especial:

Sem valoração: 5 avaliações
 Valoração de **2**: 1 avaliação
 Valoração de **3**: 9 avaliações
 Valoração de **4**: 6 avaliações
 Valoração de **5**: 7 avaliações

Outros aspetos:

Sem valoração: 27 avaliações

Valoração de 4: 1 avaliação

Notas

- O espaço é fantástico e a pausa justa enquadra-se no espírito das Jornadas.

4. As ideias/perspetivas novas que me surgiram foram...

- dificuldade de avaliar no contexto de ED; dificuldade de harmonizar abordagens avaliativas no contexto da ED.
- avaliação de desempenho dos formadores das ONGA.
- melhor definição dos objetivos e impactos esperados; ligação com empoderamento.
- a avaliação em ED como processo de aprendizagem; complexidade do processo.
- a ideia de uma possível abordagem “multi-sectorial” (das várias «educações para...» para a avaliação de impactos; uma maior clarificação geral sobre o tema (ainda com muito para 'digerir').
- clarificação dos conceitos envolvidos na avaliação; importância da avaliação como processo de aprendizagem.
- bastantes e bem perspectivadas.
- entendimento diferenciado do que é avaliar pelas diferentes entidades representadas; alguma confusão entre o que é avaliar e o que é acompanhar.
- pensar a avaliação como processo de aprendizagem e como processo contínuo, desde o início;
- avaliação interna (avaliador crítico) + avaliação externa (diferente de prestação de contas).
- um novo olhar sobre a Avaliação.
- não aos objetivos smart , sim aos progress markers :)
- necessidade de integrar, criar sinergias, entre as várias «educações para...».
- novas metodologias de avaliação do trabalho da nossa organização em ED.
- combinações várias de metodologias e instrumentos para avaliação em ED e as respetivas vantagens e desvantagens.
- criar mais sinergias para divulgação de informação e práticas.

5. Depois destas Jornadas fico com vontade de...

- ir mais a fundo nesta questão da avaliação; conhecer melhor os projectos que já conseguiram realizar a avaliação de resultados e impactos a nível diferentes.
- continuar.

- aprofundar o tema e as metodologias.
- apesar das dificuldades intrínsecas, repensar a cultura de avaliação da minha organização e da nossa abordagem ao nível dos projetos; abordar este tema em colaboração com os 'pares'.
- lutar pela avaliação de impacto!
- alterar alguns procedimentos, relativamente à avaliação.
- repensar, em equipa, a forma como avaliamos o nosso trabalho.
- acompanhar mais este tema da ED em geral.
- participar em mais ações que evidenciem a avaliação, os resultados e, acima de tudo, a identificação/elaboração de indicadores quantitativos e qualitativos.
- repensar o projeto em que trabalho, a partir da perspetiva de Jan van Ongevalle (pensando os diferentes tipos de resultados).
- abraçar o tema da Avaliação com outro olhar; ir espreitar a bibliografia sugerida.
- investigar mais sobre avaliação / fazer as coisas de forma diferente.
- contribuir para um referencial comum que ajude a clarificar conceitos / metodologias... (1 das conclusões).
- continuar a trabalhar e a discutir sobre como avaliar em ED.
- reformular e melhorar os projetos que já existem na nossa organização, que lida diretamente com jovens numa base sólida de ED
- continuar a contribuir para a melhoria da qualidade da ED em Portugal
- continuar a informar-me.

6. Já agora, acrescento...

- os grupos de trabalho tinham objectivos não adequados ao tempo disponível.
- que continuo a ter muitas dúvidas e a colocar muitas reticências à ideia de avaliação de impactos em ED (pelo menos, ao nível dos projetos).
- necessidade de mais ações de formação sobre avaliação e suas metodologias e instrumentos
- parabéns pela iniciativa; foi um excelente pontapé de saída para esta temática.
- obrigada por todo o trabalho de organização! Correu tudo muito bem! :)
- parabéns à organização!
- parabéns pela organização.

Nome (facultativo)

Houve 3 participantes que assinaram.

Anexos

- A. Convite
- B. Material distribuído aos participantes
- C. Formulário de inscrição
- D. Formulário de avaliação
- E. As Jornadas nos Media (alguns exemplos)
- F. Fotos

A. Convite

A Avaliação no contexto da Educação para o Desenvolvimento

IV Jornadas de Educação para o Desenvolvimento
29 de abril de 2015

No quadro da Estratégia Nacional de Educação para o Desenvolvimento temos o prazer de convidar V.Exa para a quarta edição das Jornadas de Educação para o Desenvolvimento, que terão por tema **"A avaliação no contexto da Educação para o Desenvolvimento"**

As Jornadas decorrerão no dia 29 de abril, das 9h00 às 18h00, na sala A da Fundação Cidade de Lisboa.

Solicita-se a confirmação até ao dia 27 de Abril através do preenchimento da ficha de inscrição.
Mais informação: info@plataformaongd.pt * 218872239

Comissão Organizadora:

Como o Apoio de:



The logos include: Agência Portuguesa do Ambiente, CIDAC, CIG (Comissão Intersectorial da Qualidade), ONGD (Organização Não Governamental de Desenvolvimento), Camões (Instituto da Língua Portuguesa), Governo de Portugal, and Direção-geral de Restauração.

B. Material distribuído aos participantes

Bibliografia Indicativa

(documentos por ordem de data de publicação)

FRICKE, Harm Jan and GATHERCOLE, Cathryn – *Monitoring Education for Global Citizenship: a contribution for debate*. DEEEP and CONCORD, January 2015 (Research 5). 37 p.

http://deEEP.org/wp-content/uploads/2015/01/DEEEP4_QualityImpact_Report_2014_web2.pdf

Gretry, Lucille (2014), *Rôle de l'éducation au développement dans les parcours de vie de personnes engagées dans les actions solidaires. Etude d'impact*. Bruxelles, ACODEV. Dezembro 2014. Disponível em <http://www.acodev.be/system/files/ressources/rf-etude-impact-corrige-v2-2.pdf>

Education for Sustainable Development and Development Education: a reflection and self-assessment Handbook for Practitioners. Development Education Association and Resource Center/DEAR, Tokyo, November 2014. 57 p.

http://www.dear.or.jp/eng/A_Reflection_and_Self-assessment_Handbook.pdf

Sur le chemin de l'impact de l'ED et à la solidarité internationale: repères méthodologiques pour apprécier ce qui est en mouvement. ÉF3E-EDUCASOL, mai 2014. 200 p.

<http://www.educasol.org/IMG/pdf/Guide-EAD-web-1.pdf>

Guide méthodologique: "Education au développement et à la solidarité internationale. Comment auto-évaluer ses actions ?" Guide édité par EDUCASOL et le F3E et rédigé par le Ciedel.

http://www.educasol.org/IMG/pdf/guide_methodologique_auto_evaluation_des_actions_d_ead-si.pdf

Évaluer l'évaluation. Antipodes (191). ITECO, Bruxelles, décembre 2010. 48 p. [CIDAC: PP520/191/10]

L'évaluation des actions d'éducation au développement et à la solidarité internationale: actes de la journée du 10 décembre 2009. EDUCASOL, ITECO, CIEDEL, F3E, s/d. 16 p.

Ver em <http://www.educasol.org/+Evaluation-+>

Indicateurs de changement. Antipodes (184). ITECO, Bruxelles, mars 2009. 43 p. [CIDAC: PP520/184/09]

O'LOUGHLIN, Eddie and WEGIMONT, Liam – *Quality in Global Education: an overview of evaluation policy and practice*. GENE, Amsterdam, 2008

<http://gene.eu/evaluation-and-results/>

Allum L, Lowe B and Robinson L 2008: *How do we know it's working? A toolkit for measuring attitudinal change*; Reading, UK: RISC –

<http://www.mvro.sk/sk/e-kniznica/category/2-publikacie?download=1355:how-do-we-know-it-s-working>

Évaluer pour évoluer. Antipodes: outil pédagogique (9). ITECO, Bruxelles, juin 2006. 56 p. [CIDAC: PP519/9/06]

CYROT, Catherine et PAQUOT, Elisabeth – *Synthèse des enseignements d'évaluations de programmes d'éducation au développement*. Janvier 2005. 35 p.

Ver em <http://www.educasol.org/+Evaluation-+>

Atelier d'échanges en évaluation d'actions d'éducation au développement: compte-rendu. Coordination Adélie Miguel Sierra et Brigitte Gaiffe. ITECO, DEEP, [2005]. 75 p. [CIDAC: DES-Met. 4-2]

Learning for a global society: evaluation and quality in global education: proceedings of the GENE conference. North-South Centre of the Council of Europe, Lisboa, January 2004. 91 p.

<http://gene.eu/evaluation-and-results/>

Méthodologies d'évaluation en éducation au développement: qui veut la fin veut les moyens (2002). Antipodes (156). ITECO, Bruxelles, avril 2002. 59 p. [CIDAC: PP520/156/02]

Évaluation en éducation au développement: que font les ONG du 1%? (2001). Antipodes (155). ITECO, Bruxelles, décembre 2001. 43 p. [CIDAC: PP520/155/01]

McCollum A and Bourn D 2001: *Measuring Effectiveness in Development Education*; London: Development Education Association -

http://www.dochas.ie/Shared/Files/4/measuring_effectiveness_of_development_education.pdf

Contributos de outras Educações para...:

HRE 2014: *HRE 2020 Indicator Framework - Key indicators to monitor and assess the implementation of human rights education and training on a national level*; HRE 2020 Global Coalition for Human Rights Education

http://www.hre2020.org/sites/default/files/HRET%20Indicators_long%20form%20Dec%202014.pdf

UNESCO 2007: *Monitoring and assessing progress during the UNDESD in the Asia-Pacific Region: - A quick guide to developing national ESD indicators*; Bangkok: UNESCO Asia and Pacific Regional Bureau for Education;

http://www.bne-portal.de/fileadmin/unesco/de/Downloads/Hintergrundmaterial_international/Monitoring_2520

[and 2520Assessing 2520Progress 2520during 2520the 2520UN 2520DESD 2520in 2520the 2520Asia 2520Pacific 2520Region 253A 2520A 2520Quick 2520Guide 2520to 2520Developing 2520National 2520ESD 2520Indicators.File.pdf](#)

Huckle J 2006: *A UK indicator of the impact of formal learning on knowledge and awareness of sustainable development*; London: Sustainable Development

Commission <http://john.huckle.org.uk/download/2859/A%20UK%20indicator%20of%20the%20impact%20of%20formal%20learning%20on%20knowledge%20and%20awareness%20of%20sustainable%20development,%20proposals%20from%20the%20Sustainable%20Development%20Commission.doc>

UNESCO n.d.: *Developing new ways of measuring educational results – a key to success*; <http://www.unesco.org/new/en/education/resources/in-focus-articles/global-citizenship-education/single-view/news/developing-new-ways-of-measuring-educational-results-a-key-to-success/>

C. Formulário de inscrição

Ficha de Inscrição
IV Jornadas de Educação para o Desenvolvimento

29 de abril
Fundação Cidade de Lisboa
Sala A

Nome:
Nome da Organização/Instituição:
Cargo:
Contacto Telefónico:
E-mail:
Morada:

Enviar Ficha de Inscrição até 27 de abril, para:
info@plataformangd.pt *218872239



AVALIAÇÃO

(5 – o máximo; 1 – o mínimo)

1. Penso que os objetivos das Jornadas foram cumpridos (de 1 a 5) ☐

Justificação:

2. Em relação ao programa, apreciei as diferentes partes da seguinte maneira (de 1 a 5):

- ☐ Sessão 1 «A Avaliação em ED como processo de aprendizagem»
- ☐ Sessão 2 «A avaliação na prática: Apresentação e reflexão sobre experiências concretas no quadro de processo, projectos e acções"
- ☐ Sessão 3 "A Avaliação de Impacto no contexto de várias Educações para...»
- ☐ Sessão 4 "Grupos de trabalho»
- ☐ Apresentação das conclusões
- ☐ Debates em plenário

Justificação:

3. Para a entidade à qual estou ligado/a, classifico assim a utilidade (de 1 a 5):

- ☐ dos conteúdos, em especial:
- ☐ das metodologias, em especial:

☐ da partilha de experiências e ideias, em especial:

☐ dos contactos e do convívio, em especial:

☐ outros aspetos:

4. As ideias/perspetivas novas que me surgiram foram...

5. Depois destas Jornadas fico com vontade de...

6. Já agora, acrescento...

Nome (facultativo)

E. As Jornadas nos Media (alguns exemplos)



CAMÕES
INSTITUTO
DA COOPERAÇÃO
E DA LÍNGUA
PORTUGAL
MINISTÉRIO DOS NEGÓCIOS ESTRANGEIROS

Contatos FAQ Mapa do Site

Acesso ao Balcão Único - Serviços Online

pesquisar...

English

[SOBRE NÓS](#)
[COOPERAÇÃO](#)
[LÍNGUA E CULTURA](#)
[CENTROS DE INFORMAÇÃO](#)
[CENTRO VIRTUAL CAMÕES](#)
[COMUNICAÇÃO](#)
[AGENDA](#)

[Entrada](#) / [Comunicação](#) / [Notícias](#) / [Cooperação](#)

ESTRATÉGIA DE COMUNICAÇÃO

CONTACTOS DE IMPRENSA

CONTACTOS PARA EVENTOS

COMUNICADOS DE IMPRENSA

NOTÍCIAS

- Cooperação
- Língua e Cultura
- Atividades na Seda

CAMÕES - REVISTA

CAMÕES - ENCARTE NO 31

CAMÕES MULTIMÉDIA

DIVULGAÇÃO - OUTROS ORGANISMOS

LOGÓTIPOS PARA DESCARREGAR

INFORMATION IN ENGLISH

A Avaliação no contexto da Educação para o Desenvolvimento

IV Jornadas de Educação para o Desenvolvimento
29 de abril de 2015

No quadro da Estratégia Nacional de Educação para o Desenvolvimento temos o prazer de convidar V. Exa para a quarta edição das Jornadas de Educação para o Desenvolvimento, que terão por tema **"A avaliação no contexto da Educação para o Desenvolvimento"**.

As Jornadas decorrerão no dia 29 de abril, das 9h00 às 18h00, na sala A da Fundação Cidade de Lisboa.

Solicite-se a confirmação até ao dia 27 de Abril através do preenchimento da ficha de inscrição. Mais informações: plataformaportuguesa@ongd.pt * 218872299

Comissão Organizadora:



Com o Apoio de:



IV Jornadas de Educação para o Desenvolvimento

21.04.2015

As IV Jornadas de Educação para o Desenvolvimento (Jornadas de ED) têm como tema "A Avaliação no contexto da Educação para o Desenvolvimento" e realizam-se no dia 29 de abril de 2015, em Lisboa, na Fundação Cidade de Lisboa (Campo Grande, 380). Esta edição decorre no ano da avaliação final da Estratégia Nacional de Educação para o Desenvolvimento 2010-2015 (ENED).

A primeira edição, realizada a 23 novembro de 2010, incidiu sobre a temática da "Influência Política". A segunda edição, promovida em 21 de janeiro de 2012, foi dedicada à "Educação para o Desenvolvimento nas Escolas". Em 2013, a terceira edição das Jornadas de ED recaiu sobre o tema "Educação para o Desenvolvimento e outras "Educações para..."

De acordo com o Plano de Ação da ENED, as Jornadas da ED constituem uma "atividade de dinamização" da ENED com caráter "estruturante e transversal", a par do Fórum de Educação para o Desenvolvimento (Fórum ED), cuja primeira edição ocorreu em 28 de outubro de 2014.

A Comissão Organizadora é composta pela Agência Portuguesa do Ambiente, a Comissão para a Cidadania e a Igualdade de Género (CIG), o CIDAC – Centro de Intervenção para o Desenvolvimento Amílcar Cabral e a Plataforma Portuguesa das ONGD, e beneficia do apoio da Direção-Geral da Educação e do Camões – Instituto da Cooperação e da Língua e da Direção-Geral da Educação.

O prazo para as inscrições termina a 27 de abril.

[Programa](#), [enquadramento](#) e [ficha de inscrição](#)

A ENED, o Plano de Ação da ENED, os relatórios de acompanhamento anuais (2010-2011, 2012 e 2013) e os relatórios e memória das Jornadas e do Fórum encontram-se [aqui](#).



3ONGD
3ª OND PLATAFORMA PORTUGUESA

[PLATAFORMA](#)
[NOTÍCIAS](#)
[AGENDA](#)
[PUBLICAÇÕES](#)
[FINANCIAMENTO](#)
[RECRUTAMENTO . VOLUNTARIADO](#)

a **29 ABR 2015**
local **LISBOA**
por **VÁRIAS ORGANIZAÇÕES**

JORNADAS ED: "A AVALIAÇÃO NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO"

A Avaliação no contexto da Educação para o Desenvolvimento

IV Jornadas de Educação para o Desenvolvimento
29 de abril de 2015

No quadro da Estratégia Nacional de Educação para o Desenvolvimento temos o prazer de convidar V. Exa para a quarta edição das Jornadas de Educação para o Desenvolvimento, que terão por tema **"A avaliação no contexto da Educação para o Desenvolvimento"**.

As Jornadas decorrerão no dia 29 de abril, das 9h00 às 18h00, na sala A da Fundação Cidade de Lisboa.

Solicite-se a confirmação até ao dia 27 de Abril através do preenchimento da ficha de inscrição. Mais informações: plataformaportuguesa@ongd.pt * 218872299

Comissão Organizadora:



Com o Apoio de:



Programa.

Enquadramento.

Ficha de inscrição.

F. Fotos









